

ORGANIZADORA:

Raquel Maria Cardoso Pedroso

**RELATOS:
ATOS,
FATOS
& MITOS**
vivências inclusivas



**EDITORA
UNIFEBE**

**RELATOS:
ATOS,
FATOS
& MITOS**
vivências inclusivas

**Reitora**

Rosemari Glatz

**Vice-Reitor e
Pró-Reitor de Administração**

Sergio Rubens Fantini

Pró-Reitor de Graduação

Sidnei Gripa

**Pró-Reitora de
Pós-graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura**

Edinéia Pereira da Silva

Coordenação Editorial

Rosemari Glatz

Editora da UNIFEBE**Mantenedora**

Fundação Educacional
de Brusque (FEBE)

Mantida

Centro Universitário
de Brusque (UNIFEBE)

Endereço

Rua Dorval Luz, 123 | Bairro
Santa Terezinha Brusque - SC |
CEP: 88352-400

+55 (47) 3211 7000

unifebe.edu.br

editora@unifebe.edu.br

Titulares Conselho Editorial

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop

Carla Zenita do Nascimento

Luana Franciele Fernandes Alves

Sidnei Gripa

Rosana Paza

Wallace Nóbrega Lopo

Jeisa Benevenuti

Ricardo José Engel

Eliane Kormann Tomazoni

Pastor Claudio Siegfried Schefer

Suplentes Conselho Editorial

Edinéia Pereira da Silva

Arthur Timm

Angela Sikorski Santos

Luzia de Miranda Meurer

Fernando Luis Merízio

Sergio Rubens Fantini

Rodrigo Blödorn

Julia Wakiuchi

Rafael Niebuhr Maia de Oliveira

Joel Haroldo Baade

Jorge Paulo Krieger Filho

Produção Editorial

Equipe Editora da UNIFEBE

Projeto Gráfico e Diagramação

Peterson Paulo Vanzuita

Revisão

Rosana Paza

ORGANIZADORA:
Raquel Maria Cardoso Pedroso

**RELATOS:
ATOS,
FATOS
& MITOS**
vivências inclusivas

Editora UNIFEBE
Centro Universitário de Brusque - Fundação Educacional de Brusque - FEBE
Endereço: Rua Dorval Luz, 123, Bairro Santa Terezinha
Brusque - SC, CEP: 88352-400
Caixa Postal: 1501
Telefone: (47) 3211-7000
Site: www.unifebe.edu.br
E-mail: editora@unifebe.edu.br

Relatos: atos, fatos e mitos - vivências inclusivas/
Raquel Maria Cardoso Pedroso (org.). - Brusque:
Ed. UNIFEBE, 2022.

77 p. : il. ; 3.1 MB.

ISBN 978-65-86346-39-8

1. Educação Inclusiva. 2. Poesia. . I. Pedroso,
Raquel Maria Cardoso.

CDD 371.9

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2022 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

APRESENTAÇÃO

É importante proporcionar aos acadêmicos, de modo geral, oportunidades de reflexão sobre sua prática docente; principalmente quando essas práticas envolvem atitudes inclusivas. Mas em tempos de pandemia, quando os estabelecimentos de ensino estão fechados e as aulas presenciais suspensas; não há possibilidade de que a observação e a reflexão sejam feitas *in loco*. Assim, surgiu a ideia do projeto, de cujo resultado é este.

A prática da observação é fundamental para formar profissionais pesquisadores que, com um olhar investigativo, podem identificar singularidades, onde qualquer pessoa vê um mero problema de indisciplina. É preciso ter esse olhar, discutir e produzir textos acadêmicos a partir da observação e da coleta, da escuta e da análise, da informação e do registro; para ampliar a rede de professores pesquisadores.

O projeto “Relatos: atos, fatos e mitos” foi proposto para que as alunas do Curso de Pedagogia olhassem em seu entorno, ou revisitassem suas memórias para encontrar situações vivenciadas, ou sabidas, que envolvessem atitudes inclusivas. Assim, para este projeto, elas registraram histórias de amigos, conhecidos, familiares; lembraram de acontecimentos dos tempos de escola, ou criaram possíveis relatos a partir de experiências sabidas de outras pessoas. E surgiram relatos surpreendentes que aqui estão contados em verso e em prosa.

Para compor este livro, cada aluna se comprometeu em fazer ao menos um relato, ficando livre a possibilidade de um segundo texto. O relato deveria ser produzido num gênero textual narrativo, podendo ser em prosa ou em verso. E para cada relato, as alunas também deveriam apresentar uma foto, que fosse inédita, de arquivo pessoal, ou de autoria de outrem a quem tivessem



solicitado. Assim, a foto que ilustra cada texto, apresenta um detalhe de cena ou objeto relacionado à narrativa.

As narrativas foram desenvolvidas, organizadas e reescritas sob a orientação da professora proponente, de modo que se traduziu num trabalho conjunto de construção e reconstrução de texto. Ao final, as narrativas foram apresentadas pelas alunas-autoras para o grupo em seminário. Momento no qual foi possível rever questões, discutir ideias e separar os relatos nos grupos propostos pelo projeto: atos, fatos e mitos.

Atos, fatos e mitos são os títulos das três partes que compõem o livro; sua divisão, no entanto, não é uma ação categórica. Mesmo porque, em se tratando de inclusão, os três conceitos se misturam. Há muitos mitos em tornos da educação inclusiva, há fatos que se contrapõem aos mitos e os fatos são percebidos por conta de atos de preconceito e exclusão ou de acolhimento e inclusão.

As fotos usadas para ilustrar a capa e cada uma das partes, foram produzidas especialmente para esta obra. O elemento escolhido para ser fotografado foram as mãos que, usadas para acariciar, simbolizam o acolhimento, o contato e a doação.

Neste livro, você vai encontrar textos que vão lhe surpreender. Histórias comoventes que vão provocar uma reflexão. Leia, divirta-se e, se estiver inspirado, escreva um relato você também!

Raquel Maria Cardoso Pedroso

(Mestre em Linguística/UFSC e professora do curso de
Pedagogia/ UNIFEBE)



PREFÁCIO

As vivências são fundamentais na construção das memórias e, por sua vez, da história dos indivíduos. Jacques Le Goff (2013) aponta a relação entre memória e história quando salienta que “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 2013, p. 51). Assim, a memória pode ser utilizada para reconstruir os fatos históricos a partir de ressignificações individuais.

Olhar para nossa história ou para a história de outros faz parte da formação, pois podemos ressignificar, dar outro sentido. Na educação, precisamos olhar para dentro e ao entorno, falar e ouvir, visitar e revisitar e, nesse exercício crítico, compreender processos e sujeitos num outro tempo e lugar. A proposta desta obra traz algo a mais quando propõe esse exercício às acadêmicas da 7ª fase, autoras e muitas delas personagens das histórias: lembranças vivenciadas no tempo de escola na perspectiva da inclusão.

Sabe-se que nos tempos de escola as histórias são infinitas e carregadas de sentimentos e emoções que envolvem processos cognitivos e afetivos; nos quais, segundo o estudioso da teoria de Piaget, Wadsworth (2003, p. 67), “[...] o afeto se desenvolve”. Assim, as lembranças escolares, pela própria história que nos mostra, geralmente estão relacionadas a afetos e desafetos.

É nesse olhar, na perspectiva de desenvolver e ressignificar que se pode reconstruir; pois, segundo Smirnov (1969), as emoções e os sentimentos desenvolvem-se e se modificam, são constitutivos da personalidade e permeados por vivências coletivas e pela história de cada um.

Aqui, as vivências escolares trazem a inclusão como pano de fundo. Sabe-se, historicamente, o quanto essa temática tem sido



permeada de lutas travadas nos âmbitos da sociedade como um todo, cabendo ressaltar que há travas e impulsos nessa história. A temática do livro “Relatos: Atos, Fatos e Mitos” busca esse olhar crítico e necessário para esse processo escolar inclusivo.

Sabe-se que o educador tem um papel importante na construção de memórias em seus alunos, e que sua prática cotidiana produz efeitos visíveis e invisíveis, pois ao realizar sua tarefa os sentimentos do aluno vão se desvelando ou ficando velados; de modo que, ao olharmos para eles tempos depois, enxergamos travas ou impulsos que os acompanharam ao longo da vida. É por isso que o historiador e jornalista Henry Adams (1918) com muita sabedoria trouxe a relação do professor com a eternidade, pois ele nunca sabe quando cessa a sua influência. Atos, Fatos e Mitos como temática desta obra se relacionam e cabe pensá-los de forma conjunta, pois dialogam e estão intrinsecamente envolvidos, já que se tratando de vivências escolares inclusivas, há o que podemos chamar de atos, outras de fatos e nessas duas ideias perpassam os mitos, que é necessário desvendarmos.

Na revisita às memórias nesta ótica, enfrenta-se o preconceito e a exclusão ou a inclusão e o acolhimento, sentimentos que podem ser lidos nas histórias contadas e, assim, como aponta Le Goff (2013), discutir a memória não como história, mas como um dos seus objetos, um nível elementar de elaboração histórica. Assim sendo, as histórias trazidas pelas acadêmicas foram muito além de um simples relato, pois oferecem aos leitores grandes lições de vida, na perspectiva do acolhimento, da compreensão, e mais, do ressignificar das próprias histórias, as quais precisaram ser enfrentadas para a reelaboração e a construção de novos afetos, para a mudança de concepções construídas socialmente. Isso requer conhecimento e engajamento, pois se trata de uma causa de todos nós: a inclusão social.



Nesse sentido, que este livro, mais do que um relato da trajetória escolar dessas quinze acadêmicas ou de seus conhecidos torna-se um exemplo de superação de preconceitos a caminho da inclusão de qualquer natureza. E na educação, a inclusão é causa nobre, já que se trata de uma profissão em que os sujeitos devem ser compreendidos em suas trajetórias de vida e acolhidos para a construção de um percurso formativo inclusivo e, por isso, igualitário e respeitoso.

Convido o leitor a se aventurar por essas brilhantes páginas, com a mesma emoção que senti ao longo da leitura de todas as histórias aqui relatadas, em muitas das quais me identifiquei e reconstruí emoções e sentimentos. Certamente, com o leitor, não será diferente. Na qualidade de professora e coordenadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Brusque, sinto orgulho desta obra e agradeço a oportunidade de escrever este prefácio, pois me possibilitou revisitar memórias do meu percurso escolar e ressignificá-las, com importantes contribuições. Agradeço ainda, à querida e competente professora Raquel Maria Cardoso Pedroso, organizadora do projeto e da realização desta obra, pelas tantas lições de inestimável valor à causa da inclusão escolar, uma delas o encorajamento à fala, ao conhecimento e ao engajamento das acadêmicas na causa. Esse é o papel da Universidade para a construção de uma sociedade inclusiva, que passa necessariamente, segundo a referida professora, pela educação.

Eliane Kormann

(Mestre em Educação/FURB, professora e coordenadora do curso de Pedagogia/UNIFEBE)



REFERÊNCIAS

ADAMS, H. **The Education of Henry Adams**. Disponível em: <https://citacoes.in/obras/the-education-of-henry-adams-4223/>. Acesso em 10 mar. 2021.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

SMIRNOV, A. A. (1969). Las emociones y los sentimientos. In: A. A. Smirnov, Leontiev, A. N., Rubinshtein, S. L., Tieplov, B. M. **Psicologia** (pp. 355-381). México: Editorial Grijalbo S. A.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e Afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução Esméria Rovai. 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.



SUMÁRIO

Apresentação.....	5
--------------------------	----------

Prefácio.....	7
----------------------	----------

CAPÍTULO 1 - ATOS

Amanda.....	13
--------------------	-----------

Carla Cristina Schork

Nos Tempos da Escola.....	14
----------------------------------	-----------

Kihara Ruhanna Antunes

O Menino Solitário.....	16
--------------------------------	-----------

Beatriz Martins

Lavinia e Matheus.....	19
-------------------------------	-----------

Carolini Minatti

Giovanna.....	22
----------------------	-----------

Raquel Maria Cardoso Pedroso

CAPÍTULO 2 - FATOS

Bola na Escola.....	27
----------------------------	-----------

Joana Bertoldi

A Arte de Fernando.....	29
--------------------------------	-----------

Carla Cristina Schork

A História de Ayla.....	31
--------------------------------	-----------

Fabiana Lang

A pequena Aurora.....	36
------------------------------	-----------



Emily Rodermel	
Alisson	39
Daniela Bianchessi	
Bruno	42
Laura Mastrandreas	
Tia Tereza	45
Luana Müller	

CAPÍTULO 3 - MITOS

Augusto	51
Gabrieli Fagundes	
João Joaquim	53
Thaynara Thais Wippel	
Vendo o Mundo com Outro Olhar	58
Danielly Furtado	
A Menina Com Um Olho Só	61
Beatriz Martins	
Cris	63
Taiana Klettimberg	
TDAH?	65
Mirele Nunes de Simas	
As Autoras	69



CAPÍTULO

ATOS

1

Amanda

Carla Cristina Schork

Manhã de segunda-feira
Na sala de aula, o Sol cruza a janela
As crianças a brincar juntas, menos ela!

Amanda, por quê?

Ela é muito especial,
e um enorme coração possui
É capaz de incendiar toda a escola com seu glamour

Mas por que ela está sozinha?

Amanda tem síndrome de Down
E está em sua mesa sentada,
Sem se mover, calada!

Só está lá.

Júlia senta-se com ela
E compartilha o seu silêncio,
Júnior senta-se com elas
E compartilha o mesmo silêncio,
Fernanda senta-se com eles
E quebra o silêncio fazendo uma piada.

O quê?



Amanda gargalha

Sua gargalhada a todos contagia

Todos se perdem na imensidão que há em volta

Cheia de bom humor e magia.

Que alegria!

A Síndrome de Down (SD), segundo Botão *et al* (2013, p. 2375), é a “alteração genética mais comum entre os seres humanos”. É a característica de uma anormalidade genética que resulta da trissomia do cromossomo 21. Na espiral, os cromossomos organizam-se em pares, e com essa anomalia, o cromossomo 21 apresenta um trio. Esse cromossomo a mais reflete-se em características específicas nessas crianças que são principalmente olhos amendoados, orelhas displásticas, face achatada, dentes irregulares, entre outros.

Nos Tempos da Escola

Kihara Ruhanna Antunes



Foi ao fazer um trabalho para a disciplina de Educação Inclusiva, no curso de Pedagogia, que me veio à mente uma lembrança de quando eu tinha mais ou menos 10 anos de idade, por volta de 2009.

Nessa época, já haviam sido aprovadas muitas leis que garantiam o direito da criança com deficiência de frequentar a escola regular. Afinal, desde 1994, na Conferência de Salamanca, na Espanha, esse tema já era discutido por autoridades em educação no mundo.

Nesse tempo, em 2009, eu estava na 4ª série do Ensino Fundamental e me recordo de um menino com síndrome de Down que estudava nessa mesma escola; que, por sinal, era uma escola pública.



No recreio, eu percebi que uma mulher sempre o acompanhava. E logo vim a saber que se tratava de sua mãe. Ela o acompanha todos os dias e em todas as aulas. Isso não me parecia algo normal, pois outras mães nunca haviam feito isso. Lembro-me de ficar intrigada e de me perguntar “por que será que a mãe dele vem junto pra escola?”. Como eu era apenas uma criança e não entendia a gravidade daquela situação, ficava imaginando os motivos que pudesse haver para aquilo acontecer. Talvez ele não gostasse de ficar sozinho, ou a mãe tinha medo de deixar o filho sozinho...

Meu conhecimento era escasso para resolver esse enigma. Lembro-me de ter perguntado para algum adulto o porquê; não lembro se era minha professora, ou a diretora, ou servente... ou qualquer outro adulto que eu havia encontrado no pátio da escola durante o recreio. E essa pessoa me dera uma resposta pouco esclarecedora para mim: “É que o filho dela tem síndrome de Down.” Não lembro de ter perguntado o que era isso, mas com certeza havia deduzido que se tratava de uma doença que precisava que a mãe viesse junto à escola. Isso, para mim, tinha sido o suficiente.

Hoje, a um passo de me formar pedagoga, percebo a negligência que esse aluno e essa mãe sofreram. Pois, de acordo com a lei 9.394/96, a chamada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, esse aluno já tinha assegurado o direito de estudar em uma escola regular com atendimento especializado. (BRASIL, 1996).

Isso significa que, ele já tinha, naquela época, o direito a uma professora auxiliar para que promovesse sua inclusão e a adaptação das atividades conforme suas necessidades. A atitude da mãe em acompanhar o filho foi maravilhosa! Imagino que o amor dela fosse tão grande que optou por deixar de lado algum



projeto pessoal e acompanhar seu filho na rotina escolar. Isso é louvável. Mas essa responsabilidade era realmente dela? Uma mãe pode proporcionar a melhor interação entre o filho e os demais alunos da classe, ou vai “protegê-lo” dos alunos?

Isso nos faz refletir sobre o papel da escola e da família em relação à inclusão. Pois, ao falar de escola e família, devemos contemplar o coletivo. É muito importante que seja estabelecida uma relação de parceria entre ambos. O progresso do aluno se dá a partir do acompanhamento e da assistência feitos pela escola e pela família. Assim, é dever da família fornecer à escola todas as informações necessárias sobre o aluno com deficiência; é dever da escola prover um ambiente inclusivo que oportunize a aprendizagem. (MANZUTTI e MENDES, 2014, p.2).

Deve ser uma relação de parceria. De modo que cabe à escola receber e matricular o aluno, adaptar toda a estrutura tanto física como de pessoal da instituição, ter na sua equipe pedagógica profissionais capacitados para atender e acolher o aluno com deficiência. E cabe ao professor elaborar atividades, adaptá-las de acordo com as necessidades de cada aluno, levando em consideração que mesmo com limitações, todos os alunos matriculados e que frequentam o ensino regular, têm o direito a uma educação de qualidade que proporcione seu desenvolvimento integral.

O Menino Solitário

Beatriz Martins



Heitor era uma criança linda e tinha um belo sorriso. Mas sua história teve um início trágico. Heitor não conheceu seus pais. Ele ainda estava no ventre da mãe, no final da gestação, quando perdeu os pais no dia do seu nascimento. Foi uma fatalidade. Um acidente de trânsito. O parto de Heitor foi realizado com sua mãe já sem vida. O pai soube o nascimento do menino, o que chamou



de Heitor, momentos antes de falecer. Ele pediu a seu melhor amigo, a quem havia convidado para ser o padrinho de Heitor, para que o criasse. O amigo aceitou, sem ter a mínima ideia da aventura que teria pela frente.

No início, Edu, o amigo, contou com a ajuda de sua mãe na tarefa de cuidar do pequeno Heitor. Mas a mãe de Edu faleceu quando Heitor estava com quase quatro anos. A partir daquele momento, seriam só os dois. Edu era um rapaz solteiro, gostava de festas e, sem a mãe, se viu preso à responsabilidade de educar Heitor. Mas Edu teve sorte, porque Heitor era um garotinho muito quieto, tranquilo. Ficava sempre só no seu quarto brincando por horas. E, assim, Heitor foi criado muito sozinho, meio abandonado.

Quando encontrava outras crianças, Heitor não sabia muito bem como se comportar ou até mesmo como lidar com os seus sentimentos. Na verdade, poucas crianças brincavam com ele; achavam-no um tanto quanto diferente. Heitor tinha um gosto por comidas muito seletiva, ele amava miojo, comia todos os dias; e não suportava alguns cheiros. Na presença de pessoas desconhecidas, ficava de cabeça baixa, balançando as mãos e o tronco para frente e para trás. E quando se sentia contrariado, começava a gritar, se jogava no chão, balançando pernas, braços e cabeça freneticamente. Isso assustava as outras crianças, mas Heitor não se dava conta do que fazia e não entendia, por que tinham medo dele. Ele chegou várias vezes a pensar que tinha algo de errado, e por conta disso, começou a fazer coisas para chamar atenção de todos que estavam ao seu redor. Para mostrar que ele estava ali.

Quando Heitor completou 6 anos, e começou a frequentar a escola, foi muito difícil. O ambiente era diferente, muito grande e todos olhavam para ele com um olhar estranho. Isso o deixava



muito triste. Ele se questionava sobre várias coisas e começou a se encolher, a ficar cada vez mais sozinho.

Mas teve um professor, que olhou para Heitor e o tratou de uma maneira diferente. Esse professor nunca olhava para Heitor com o mesmo olhar que os outros. Ele mostrou para Heitor o mundo das imagens e das palavras, os livros. Heitor ficou fascinado com os dinossauros, depois com os planetas. Queria saber tudo. Esse professor descobriu o gosto de Heitor por mijo e um dia trouxe para preparar na escola. Heitor adorou!

Inicialmente, foi o fato de Heitor ser um menino órfão e de conhecer sua história que atraiu a atenção do professor. Ele teve empatia por também ser órfão e ter uma história semelhante à de Heitor. E dessa forma, pensou que talvez pudesse entender a dor do menino e quis se aproximar mais para ajudá-lo. Mas aos poucos seu olhar foi percebendo outras particularidades que o deixaram preocupado.

Foi o professor que levantou a hipótese de Heitor ter o transtorno do espectro autista (TEA). Ele avisou para a coordenação da escola, que chamou Edu para conversar. Edu levou Heitor para fazer todos os exames e o diagnóstico foi confirmado. Heitor era autista, mas de nível leve. Essa confirmação trouxe preocupação para Edu, mas também um certo alívio. Pois Edu se sentia responsável pelo comportamento do menino, achava que não tinha sabido educá-lo.

A criança com TEA é comumente chamada de autista. Na escola, essa criança costuma sofrer discriminação, e antigamente recebia um tratamento mais pejorativo, era chamado de “debiloide”. Esse era o principal motivo da preocupação de Edu, pois ele não conhecia os avanços que havia nessa área. Edu se propôs a pesquisar para entender as características peculiares da criança com TEA. “[...] o TEA é definido como um distúrbio do



desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental” (SCHMIDT, 2013, p. 13).

O professor ensinou para Heitor muito mais do que conteúdos, ensinou que por mais que existisse maldades no mundo; existem também coisas boas, por exemplo, o amor, ensinou que ele poderia ter amigos de verdade, que ele não precisava mais chamar a atenção para ser visto. Heitor entendeu que era diferente e o que isso significava. E, assim, foi se aceitando, e faz muitos amigos e encontrou muitas barreiras também. Mas sempre contou com o apoio de Edu e de seu amigo “professor” para superá-las.

Hoje, por onde ele passa, transmite alegria, todos ao seu redor gostam dele e o respeitam verdadeiramente. E ele tem orgulho de ser diferente, de ser especial, de ser TEA.

Lavínia e Matheus

Carolini Minatti



Lavínia era uma garota que nunca havia se imaginado trabalhando na educação; na verdade para ela, esse seria o último emprego no mundo que ela aceitaria. Mas, justo quando se encontrava numa situação difícil e estava passando por uma das semanas mais conturbadas e agitadas, precisando muito de um trabalho, Lavínia recebeu uma ligação que lhe inquietou muito. Essa ligação era de uma escola que estava lhe propondo um emprego na educação.

Sem saber a que vaga exatamente se referia, Lavínia ficou curiosa e estranhamente estimulada para descobrir esse novo desafio. Por isso, ela foi até a escola.

Ao se deparar com o ambiente escolar, Lavínia se sentiu acolhida e percebeu que não era mais aquele ambiente pelo qual



havia passado. A escola lhe pareceu diferente, mais amigável. Foi a coordenadora do ensino fundamental que recebeu Lavínia, mostrou a escola e a informou de que a vaga era para professora auxiliar de um aluno com Transtorno de Espectro Autista. O sentimento de Lavínia naquele momento foi de medo. Ela ficou inquieta e não se sentia capaz para aceitar essa vaga. O desafio a assustou muito. Mas ficou de dar a resposta noutro dia.

À noite, Lavínia não teve um sono tranquilo, pois estava ansiosa. Ela havia feito alguma pesquisa para saber do que se tratava o Transtorno de Espectro Autista (TEA), mas sua pesquisa não a ajudou muito, pois percebeu que sem conhecer o aluno não poderia saber quase nada. Lavínia descobriu que cada criança com TEA é diferente. Isso era assustador, mas desafiador ao mesmo tempo. No dia seguinte, Lavínia retornou para a escola e aceitou a vaga.

O seu primeiro contato com o aluno, cujo nome era Matheus, foi tranquilo, pois seu diagnóstico era leve. E Lavínia já sabia que as crianças com TEA leve são crianças com características como: a dificuldade de aceitar regras, a inflexibilidade na rotina, existência de estereotípias e repetições, apego demasiado determinado objeto, entre outros. (BRITES, 2019, p.1).

Matheus era alfabetizado, sabia ler, escrever, socializava tranquilamente com seus colegas e não tinha nenhuma restrição física; porém sua maior dificuldade era com o trabalho em sala de aula. Matheus não se sentia estimulado, por isso era considerado preguiçoso nas atividades em sala. Ele estava sempre com muito sono e, às vezes, chegava a dormir no primeiro momento da aula. Quando isso acontecia, não havia como interferir, porque se fosse acordado, o garoto se descontrolava e entrava em crise. Do contrário, se ficasse descansando sem ser perturbado; ao acordar, ele ficava tranquilo e fazia algumas atividades.



Lavínia passou por muitas situações, nas quais se sentia frustrada e tinha vontade de desistir, mas continuou. Lavínia pesquisou, leu sobre o tema e experimentou atividades e técnicas com Matheus. Assim, após algumas tantas experiências negativas, ela aprendeu que com o Matheus tudo se baseava na troca. Havia momentos em que os professores passavam muitas atividades. Os outros alunos reclamavam, mas acabavam fazendo tudo. Mas Matheus, quando percebia a quantidade de exercícios, ficava desestimulado. Nesses momentos, Lavínia escolhia algumas atividades, aquelas que ela julgava mais importantes e combinava com Matheus de que se ele fizesse apenas algumas, depois de feitas, ele poderia aproveitar o tempo de outra maneira. Ele poderia, por exemplo, desenhar. Lavínia sabia que Matheus gostava muito de fazer desenhos, e aprendeu a usar isso em favor da aprendizagem e da participação do garoto na aula. E, assim, aos poucos, as manhãs na escola corriam tranquilamente. Matheus não estava mais se recusando a fazer as atividades, e os professores percebiam que ele estava evoluindo em seu aprendizado.

Outra dificuldade que Mateus apresentava constantemente, era em relação ao momento de explicação dos conteúdos feito pela professora regente. Na maioria das vezes, o aluno não queria prestar a atenção e ficava rabiscando, desenhando ou olhando para o lado, para os outros alunos. Fazia qualquer coisa, menos ter a atenção necessária na explicação dos conteúdos. Nesses momentos, Lavínia intervia de forma mais direta, chamando-lhe a atenção a todo momento. No final, Matheus prestava atenção na explicação da professora, ainda que a contragosto, para não ter que escutar Lavínia lhe chamar.

No decorrer do ano, ambos, Lavínia e Matheus, foram se transformando. Matheus mudou o comportamento em sala de



aula por conta das atitudes firmes, mas carinhosas, de Lavínia. E ela se descobriu uma boa educadora, conforme foi avaliada pela coordenadora ao final do ano letivo. Uma função que ela tanto rejeitava e para qual não se sentia capaz.

Ao finalizar o ano, Lavínia refletiu sobre todos os momentos com Matheus. Lembrou de como os dois começaram o ano; das dificuldades iniciais no relacionamento; das frustrações com as estratégias que não davam certo; dos acertos, dos momentos em que os dois riram juntos; do carinho que Matheus, apesar de sua condição, demonstrava ter por ela. E chegou à conclusão de que o tempo lhe fez perceber as pessoas de maneira diferente; e que sua experiência com Matheus foi única e foi transformadora. Ela era uma Lavínia antes, hoje é outra mulher!

Giovanna

Raquel Maria Cardoso Pedroso



Língua de sinais sempre foi uma realidade distante. Até que conheci Giovanna, uma aluna surda na quinta série (hoje sexto ano). E agora, como poderia ensinar essa menina?

Foi no primeiro dia de aula, sem nem ter sido avisada, que encontrei Giovanna. Quando entrei na sala, percebi que havia duas meninas sentadas com as carteiras encostadas. Quis saber se estavam fazendo trabalho em dupla, e uma das meninas me disse:

– Não professora, a Giovanna é surda e eu me sento junto para ajudá-la.

Na hora, eu ouvi que era para ajudar, mas não me ative ao fato de que era surda. Foi só quando eu falei alguma coisa para turma e vi que a colega sinalizava para Giovanna que entendi: “Meu Deus, ela é surda!”



A surdez, para quem não tem contato com o universo surdo, é entendida muitas vezes como um problema uma deficiência. No entanto, segundo Gesser (2009, p. 64), a surdez é um problema para os ouvintes (aqueles que ouvem), não para o surdo. Pois os surdos, se organizam em comunidades, têm cultura e identidade e usam uma língua diferente. Os surdos só precisam ter os seus direitos respeitados.

À época, embora eu já tivesse ouvido falar sobre a língua de sinais, essa forma de comunicação não fazia parte de meu mundo, estava fora do cotidiano que eu vivenciava em sala de aula (até aquele momento). Não havia ninguém na escola que conhecesse essa língua; não havia intérprete na escola. A “função” de intérprete foi desempenhada por alguns colegas da menina que a acompanhavam desde a terceira série e já utilizavam a língua de sinais para se comunicar com ela. No entanto, as Diretrizes Nacional para a Educação Especial na Educação Básica, no artigo 8º, estabelece a obrigatoriedade do atendimento especializado, inclusive com o apoio de professor-intérprete. (BRASIL, 2001, p.1).

Tradicionalmente fazia parte do conteúdo de Língua Portuguesa, na quinta série, identificar letra, fonema e dígrafo, separar as sílabas, identificar a sílaba tônica, conteúdos que exigiam a habilidade auditiva. Eu não tinha a menor ideia de como poderia ensinar isso àquela aluna.

Quando procurei apoio com outros professores e com a direção da escola, recebi a orientação de conversar com a professora da quarta série que a havia acompanhado no ano anterior. A professora da quarta série explicou-me que ela trabalhava de forma mais visual. E sugeriu que eu contasse com o apoio da turma, indicando duas meninas que já se comunicavam com a aluna por sinais; e falou que seria bom deixar as três sempre juntas. Quando questionei se isso seria



justo, visto que eram crianças; a professora respondeu apenas que elas “adoravam” ajudar.

Nos primeiros meses de aula, fiquei imaginando como as informações chegavam à aluna surda e uma coisa parecia-me certa: as colegas que se comunicavam com a menina surda não tinham maturidade para desempenhar as duas funções (de alunas e de intérpretes). Tampouco tinham conhecimento para explicar para a aluna o que ainda estavam aprendendo.

Procurei ajuda na sala multifuncional que havia numa escola da rede estadual, na qual Giovanna fazia acompanhamento e complemento escolar no contraturno. Lá, fui orientada a fazer adaptações do conteúdo. Com as orientações recebidas, percebi como meu entendimento do mundo surdo era limitado. Naquele momento, as adaptações e o apoio das colegas foi o possível. No entanto eu estava insatisfeita. Senti que precisava conhecer o universo surdo que se abria diante de mim.

No ano seguinte, segui tendo a menina surda como aluna, agora na sexta série, ainda sem professor-intérprete (ou de apoio), continuando a contar com a ajuda dos colegas. Mas naquele ano, eu decidi organizar o meu tempo e iniciei um curso de Libras na sala multifuncional da escola estadual.

Era difícil organizar o tempo, treinar movimentos e formas com a mão que nunca havia feito antes; porém quanto mais eu conhecia mais queria aprender. Foi a partir daquele momento que a Libras entrou a minha vida para nunca mais sair.

REFERÊNCIAS:

BOTÃO, Raiana. B. de S. *et al.* **Busca e adesão a tratamento:** aspectos sociodemográficos e biológicos dos usuários com Síndrome de Down de um serviço de aconselhamento genético.



UEL, 5 a 7 de nov de 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT07-2013/AT07-033.pdf> Acesso em 13 nov 2020.

MANZUTTI, Joyce Rovari; MENDES, Lurdes Mariano. **Família e Escola Juntas para a Aprendizagem do Aluno Deficiente.** Publicação em 13/03/2014. Disponível em: https://www.pedagogia.com.br/artigos/familia_escola_juntas/?pagina=1 Acesso em: 12 nov. 2020.

SCHMIDT, Carlo. Autismo, educação e transdisciplinaridade. *In*: SCHMIDT, C (org) **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Papyrus, 2013.

BRITES, Clay. **A criança autista é hiperativa?** Publicação em 27/03/2019. Instituto Neurosaber. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-os-principais-sintomas-do-autismo-leve/> Acesso em 13 nov 2020.

GESSER, Audrey. **Libras? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 2,** de 11 de setembro de 2001. Institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.





CAPÍTULO

FATOS

2

Bola na Escola

Joana Bertoldi

Ahhh, a escola!
Primeiro dia é sempre de ansiedade...
E muita dor de barriga!
Não importa a nacionalidade.

Para você, que é de fora
Parecer um mundo estranho
Mas para mim, eu não vejo a hora,
De juntar-me a meus pequenos, meu rebanho!
E para nós, esse será o começo de uma história
Que não vai me sair da memória.

Nosso primeiro contato
Não foi como esperado.
Eu assustada, não soube como agir.
Você encolhido, parecia no lugar errado.

A escola virou seu lugar de negação
Você não queria interação
Precisei de muita encenação
Para ter sua atenção
E estabelecer alguma comunicação.

Então a nossa relação



Começou em meio à confusão
Quando uma bola você jogou em minha direção
E alguém ao seu lado gritou: não!
A bola, eu a peguei num gesto rápido com a mão.
Você me olhou assustado, e eu sorri.

Aquela bola foi minha inspiração
Com ela, eu consegui sua atenção
E com entusiasmo e emoção
Pude te ensinar a contar, a falar
A se expressar numa língua que não era a sua,
Que talvez parecesse ríspida e crua,
Mas você a dominou e se superou!

Seu empenho me encantou
Pois nele estava seu coração.
E a nossa língua de contato,
não foi a minha, nem a sua...
Foi a língua do acolhimento,
A língua da emoção e do sentimento,
A língua da lágrima e do sorriso!

O fenômeno da migração de povos pelo mundo à procura de melhores condições de vida, ainda que muitos não aceitem, é uma característica humana. E o aluno migrante muitas vezes enfrenta dificuldades para se ajustar a um novo ambiente de aprendizagem e uma nova cultura, porém ninguém pode lhe tirar o direito à educação. As crianças imigrantes têm direito à educação em escola regular, de acordo com a nossa Constituição (1988), que tem por base a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1945). Afinal, é no convívio com todos os alunos que a criança deixa de ser “segregada” e é acolhida, podendo contribuir muito para a construção de uma sociedade inclusiva.



O professor deve desenvolver estratégias pedagógicas inclusivas com os alunos, baseado na observação e reflexão das manifestações individuais de aprendizagem e emocionais. Deve, ainda, dar atenção especial e dedicar mais tempo a quem precisa, respeitando as diferenças e refletindo acerca de ações educativas mais inclusivas. (HORTAS, 2013).

Pois é, partindo do princípio idealizado por Freire (1996), que a escola deve ser um ambiente favorável à aprendizagem, onde o diálogo entre professor e aluno estabelece uma relação de ensino e de aprendizagem, construindo de forma respeitosa de vínculos para o saber. A interação com o meio e com os outros também tem grande importância, assim como a diversidade nas atividades e a estimulação do professor para a aprendizagem e o desenvolvimento integral do aluno.

É importante lembrar que “ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos”; sem importar a origem socioeconômica ou origem cultural. (STAINBACK *et al.*, 2007, p. 21). Portanto para que o processo de inclusão flua da melhor maneira, é responsabilidade da comunidade escolar a promoção de debates e estudos para que o conhecimento desmitifique os preconceitos acerca dos alunos com deficiências, transtornos, distúrbios de aprendizagem, ou culturas e quaisquer posicionamentos diferentes.

A Arte do Fernando

Carla Cristina Schork



Juliana estava em aula, ela é uma boa professora de Artes. Naquela manhã de sexta-feira, ela observava o pequeno Fernando e percebia o quanto ele estava concentrado na atividade de pintura que ela havia passado para os alunos. Fernando tem Transtorno do Espectro Autista (TEA), em nível médio, e geralmente ele é inflexível e tem muita dificuldade com mudanças de rotina, além



de apresentar movimentos repetitivos, que são algumas das características das crianças que têm esse transtorno. No geral, a criança com TEA apresenta dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo. (VARELA, 2020, p.1)

O que chamava a atenção de Juliana era que, muito raramente, Fernando realiza suas atividades, mas naquele dia, ele simplesmente ficou sentado em sua mesa, realizando sua pintura. Notava-se que o pequeno estava verdadeiramente entretido na realização da tarefa. Por isso, Juliana evitava se aproximar e o observava a certa distância, com receio de o perturbar. Ele utilizava cores diferentes, parecia fazer um belo quadro. Mas a professora não conseguia ver que figuras ele representava.

Assim que percebeu que Fernando havia finalizado o trabalho, a professora Juliana foi até ele e notou que havia desenhado duas pessoas. Parecia ser mãe e filho. No entanto, quando perguntou quem seriam as pessoas, Fernando apontou para ela e, em seguida, para ele; expressando, assim, que havia desenhado os dois: ele e a professora. Juliana sorriu ao perceber o carinho, mas ficou intrigada: por que ele a havia desenhado?

Quando a mãe de Fernando veio buscá-lo, a professora a chamou e lhe contou o que havia acontecido. De início, a mãe ficou incrédula, porque Fernando normalmente não gosta de pintar em casa. Contudo na escola, ele simplesmente se permitiu fazer uma atividade que lhe foi imposta. Coisa muito rara de acontecer!

O fato é que Fernando se sentiu confortável o bastante para realizar a atividade, sem que a professora insistisse. Isso foi muito importante, pois é preciso entender que ao lidarmos com crianças com TEA, em hipótese alguma, devemos insistir para que realizem atividades criativas. É preciso deixar a criança à vontade,



e assim, ela se sentirá segura. Segundo Cavaco (2014), muitas das crianças diagnosticadas como autistas não apresentam todas as características do autismo. Enquanto algumas apresentam calma, outras apresentam hiperatividade; enquanto muitas evitam o contato visual, outras podem apresentar dificuldades mais leves e procurar o olhar.

As aulas da professora Juliana eram as únicas em que Fernando realizava as atividades de forma espontânea. Por isso, a professora passou a incentivá-lo, mostrando imagens de pinturas e fotos, cada aula um tema diferente, para que Fernando pudesse se expressar. Em todas as aulas, Juliana deixava seus próprios objetos de pintura para que Fernando se sentisse à vontade e criasse.

A cada aula que passava, ele fazia desenhos lindos. Desde cores espalhadas na folha de forma harmonizada, até desenhos que expressavam objetos, paisagens e cenas cada vez mais definidas.

A mãe de Fernando ficou maravilhada com a mudança de comportamento e com a expressão artística que seu filho estava demonstrando; tanto que ela mesma, com a orientação da professora, comprou vários objetos de pintura e livros de arte para que seu filho pudesse criar em casa também.

Fernando estava se abrindo para o mundo por meio da arte!

A História de Ayla

Fabiana Lang



Ayla estava na trigésima semana de gestação, e a alegria da nova família não poderia ser maior. Em algumas semanas, as gêmeas nasceriam! Seria uma novidade para ela, para Thiago, seu marido, e para o restante dos familiares. As primeiras gêmeas univitelinas da família.



Tudo acontecia conforme o planejado. Todos os exames constataram que as meninas nasceriam sem qualquer complicação. No entanto, Ayla começou a ter sintomas de pré-eclâmpsia de uma hora para outra. De repente sua pressão começou a ficar alta com frequência, Ayla sentia um mal-estar que não conseguia explicar. Também havia muita retenção de líquido, seus pés estavam muito inchados. Preocupada com suas filhas, ela recorreu a seu médico de confiança, que a acompanhara na gestação desde o início. Mas ele parecia não estar preocupado, pois não deu a atenção necessária para o problema que só piorava.

Apesar da insatisfação, Ayla resolveu confiar na palavra do médico que a acompanhava há tanto tempo. Ela se convenceu de que ele faria o melhor por suas meninas e por ela. Numa sexta-feira, em sua trigésima quinta semana de gestação, Ayla foi fazer um exame de ultrassom de rotina. Nesse exame, houve a constatação que uma das meninas estranhamente não havia ganhado peso. Mais tarde, ainda durante a consulta de exame, ela começou a passar mal. A médica responsável, imediatamente ligou para o obstetra na esperança de que o parto das meninas fosse marcado com urgência, porém apenas no começo da semana seguinte é que ela seria atendida. Na consulta, três dias depois, o obstetra decidiu marcar o parto de Ayla, no entanto ela precisaria esperar mais alguns dias e tomar alguns medicamentos para a maturação dos pulmões das meninas.

Um dia antes da data marcada para o parto das gêmeas, Ayla começou a passar mal mais uma vez, e dessa vez, seu mundo virou de cabeça para baixo. Ayla conta que não se lembra do caminho que fez até o hospital. Lembra apenas que, ao chegar ao pronto-socorro, ela olhou para seus pés, e falou alto: “Thiago, minha unha está roxa”. Num instante, Ayla fora levada para dentro do hospital e encaminhada para o centro cirúrgico com urgência.



Thiago lembra que no caminho para dentro do hospital, Ayla sentia muita falta de ar e que precisou auxiliá-la para que respirasse melhor. No hospital, Ayla fora diagnosticada com um edema agudo no pulmão e, logo em seguida, foi levada às pressas para UTI, induzida ao coma, entubada para manter controlada a pressão e manter uma boa oxigenação. Durante todo esse sofrimento, só podiam aguardar a chegada do obstetra para dar início ao parto.

Por se tornar um parto de alto risco, Thiago não teve permissão de acompanhar sua mulher na cirurgia como havia sido combinado. Depois de um tempo, que pareceu uma eternidade, Thiago finalmente conseguiu falar com o médico, que de forma ríspida disse apenas: “Reza! Porque não sei se salvo as três.”

Quando saiu do coma, Ayla percebeu que sua barriga não era mais a mesma de quando havia chegado. As meninas que antes estavam seguras dentro de seu corpo, tinham sido retiradas às pressas. Ela foi tomada pelo pavor de saber o que teria acontecido às bebês. Naquele momento, Ayla não tinha noção de que já havia se passado sete dias, desde que chegara ao hospital. Ela ainda precisou de mais alguns dias de recuperação para finalmente conhecer suas duas meninas.

O medo ainda tomava conta do coração de Ayla quando ela pôde enfim conhecer Gabriela e Manuela. Mas a emoção e a alegria espantaram o medo no instante em que ela pôde segurar pela primeira vez no colo suas meninas. Com o passar do tempo, Ayla teve alta do hospital, porém as gêmeas ainda precisariam permanecer na UTI neonatal para que pudessem se desenvolver e ganhar forças.

Aos três meses de vida, Gabriela e Manuela tiveram de ser submetidas a uma cirurgia de gastroenterostomia e uma ressonância para diagnosticar possíveis sequelas das complicações durante a gestação. O neurologista responsável alertou os pais de que as



gêmeas possivelmente teriam alguma seqüela, mas que teriam um crescimento normal, e precisariam de poucas adaptações.

Ao serem liberadas finalmente para irem para casa, Ayla e Thiago tomaram todos os cuidados para que as meninas pudessem crescer saudáveis e bem amparadas, porém os novos pais não tinham ideia de que aquilo que estava acontecendo com Gabriela e Manuela, era permanente.

Com o passar do tempo, Ayla e Thiago perceberam que as gêmeas não agiam conforme sua idade nem reagiam ao ambiente. A mãe tentou pesquisar e saber o que poderia estar acontecendo, mas tudo estava começando a aterrorizá-la. Após seis meses de dúvidas e angústias, finalmente o neurologista revelou as reais complicações de Gabriela e Manuela. Ambas as meninas tinham Paralisia Cerebral e Síndrome de West, uma Síndrome rara que provoca epilepsia de difícil controle. Todas essas complicações foram ocasionadas devido ao tempo em que Ayla e as gêmeas precisaram aguardar pela decisão do obstetra para realizar o parto.

Dentro dessa nova realidade, Ayla e Thiago precisaram unir forças e recursos para dar às meninas, uma boa qualidade de vida. Assim, com o tratamento adequado, dentro de um ano, Gabriela teve as crises de epilepsia reduzidas e começou a reagir e a interagir com os pais. Porém Manuela tinha um quadro de saúde mais delicado, suas crises eram mais fortes, mais difíceis de controlar, e sua interação com o mundo e com sua família era pouca. Buscando todos os caminhos possíveis para que Manuela conseguisse um resultado semelhante ao da irmã, Ayla e Thiago encontraram um medicamento que poderia dar a ela uma nova chance: o canabidiol.

O Canabidiol é uma substância extraída da cannabis (comumente chamada de maconha), que atua no sistema nervoso central e



pode reduzir crises de epilepsia, ansiedade, Parkinson, entre outros problemas neurológicos. (ABREU, 2020, p.1).

Na época dos fatos, este medicamento não tinha liberação para ser comercializado dentro do Brasil, e por ser um medicamento derivado da maconha, havia também muito preconceito a ser ultrapassado. Visando uma melhor qualidade de vida para a sua filha, Ayla e Thiago encontraram, em um amigo próximo, a chance de comprar o medicamento. Após voltar do exterior, ele trouxe o Canabidiol para a família.

Entretanto, por conta de problemas respiratórios, Manuela precisou ser internada, e dessa forma foi impossível o início da administração do medicamento. Pois os médicos que a tratavam se negavam a utilizá-lo, e havia até a ameaça de chamar a polícia. Nesse cenário preocupante, os pais de Manuela precisavam encontrar um médico que prescrevesse o uso do medicamento no tratamento da menina, e eles finalmente conseguiram. Com o medicamento, em apenas dez dias, Manuela começou a sorrir, a perceber e interagir com o ambiente e com seus pais, mudando a vida de todos para sempre.

Atualmente Gabriela e Manuela estão com sete anos de idade. São duas meninas fortes e saudáveis que são amadas e muito bem cuidadas por seus pais, dentro das limitações que encontram. Assim, nesse mundo atípico, as meninas praticam a Musicoterapia, que trabalha com instrumentos, com canto e ruídos e atuam na área da reabilitação motora (VOLL, 2017, p.1); a Fonoterapia que segundo Rabello (2020, p.1) desenvolve os processos da fala, da mastigação, deglutição e respiração; da Terapia Ocupacional, que promove a consciência corporal promovendo maior autonomia ao paciente; a Cuervas Medek Exercices – CME, que proporciona o fortalecimento muscular; e, não menos importante, a Fisioterapia que desenvolve os diversos campos motores, entre outros auxílios



que lhes são oferecidos e que dão oportunidade de desenvolver a autonomia. (MOVE MAIS, 2020, p.1).

Cada pequena conquista dessas guerreiras é comemorada por todos da família!



A Pequena Aurora

Emily Rodermel

A pequena Aurora era muito esperta e, com um ano e quatro meses, comunicava-se normalmente; ou seja, usava o vocabulário esperado para sua idade. Na escola particular, na turma do maternal, na qual fora matriculada, Aurora andava e interagia com as outras crianças e, também, com as professoras. Por isso Aurora se enquadrava entre as crianças ditas “normais”.

Quando Aurora completou dois anos de idade, seu comportamento mudou completamente. Preocupados com a mudança em casa, os pais conversaram com as professoras que confirmaram ter percebido as mudanças da pequena Aurora. Essas mudanças eram significativas e refletiam em seu desenvolvimento, pois em vez de evoluir, ela estava regredindo.

Aos poucos, Aurora passou a não falar mais palavra alguma, não chamava o pai e a mãe, tampouco pedia algo para comer. E, assim, rapidamente, a menina também deixou de andar, nem mesmo alguns passinhos ela dava. Sua mobilidade definiu completamente, ela não conseguia mais pegar objetos com as mãos, alimentar-se sozinha, ou brincar.

Na escola, Aurora não brincava mais com os amiguinhos e não interagia com os adultos que estavam presentes. A alimentação também sofreu alguns danos, a pequena passou a não aceitar qualquer alimento durante as refeições, tanto em casa como na escola.



Em vista dessa situação, a família decidiu buscar ajuda profissional para entender o que estava acontecendo. De imediato, a procura foi por um neurologista que pediu vários exames. Nenhum deles, porém, deu elementos para precisar um diagnóstico clínico. As investigações não podiam parar aí. Por isso, a família levou a pequena Aurora a fonoaudiólogos, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, nenhum deles fechava um diagnóstico. Foi só quando Aurora completou três anos de idade que um neuropediatra chegou ao diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista) em nível severo, porém sem laudo fechado por conta da idade precoce.

O pouco contato visual, segundo o manual elaborado pelo Ministério da Saúde denominado Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (BRASIL, 2014, p.34), é um dos sintomas significativos das crianças com TEA. Antes de as mudanças terem início, a mãe de Aurora percebia que a filha não parava para olhá-la por muito tempo, mas nunca imaginou que esse comportamento poderia ser um sintoma de que algo não estivesse bem. Pois é um comportamento comum em muitas crianças que estão descobrindo o mundo. O médico confortou a mãe, informando-a de que não havia como ela perceber, tampouco há como se evitar. O autismo não é uma “doença” que se possa tratar e curar. O importante é o estímulo.

Segundo Schwartzman (2011, p.58), “as características básicas do TEA [...] afetam de forma mais evidente as áreas de interação social, da comunicação e do comportamento”. Porém, a inserção das crianças com TEA no ambiente escolar, o contato com outras crianças e adultos fora do contexto familiar, são experiências que podem contribuir significativamente, pois são capazes de levá-las a novas aprendizagens, de modo que desenvolva novos comportamentos.



Com o passar do tempo, a menina cresceu e aprendeu a viver de acordo com suas limitações. A família e os profissionais que trabalhavam com ela também aprenderam a fazer adaptações para que Aurora pudesse se desenvolver. E dessa forma, a menina pôde continuar a frequentar a escola formal, sempre com o apoio de uma professora auxiliar para adaptar e conduzir as atividades. Por conta de ter dificuldade de mobilidade física, Aurora não conseguia escrever, mas conseguiu se alfabetizar, principalmente, com o apoio das tecnologias e do PECS (Sistema de comunicação por troca de figuras), que é utilizado também como uma forma de comunicação não verbal. Aos 14 anos, Aurora ainda usa o sistema para se comunicar, pois não desenvolveu a linguagem oral.

O PECS (Picture Exchange Communication System), segundo Vieira (2012, p.12), foi criado e desenvolvido na década de 1980, por Andy Bondy e Lori Frost, que são pesquisadores no Programa de Autismo de Delaware. Esse sistema tem como principal objetivo fazer a criança perceber que a comunicação é o melhor caminho para que ela consiga mais rapidamente o que deseja. Dessa forma, ao ser estimulada a se comunicar por meio da troca de figuras, a criança com TEA desenvolve-se e seus problemas de conduta e interação social tendem a diminuir, pois aprendem e percebem o valor da comunicação.

Mesmo com a comunicação verbal limitada, Aurora consegue cativar as pessoas de tal forma que todas que estiveram ao seu lado e a acompanharam em sua trajetória escolar são-lhes muito gratas pelo aprendizado. Pois, apesar das dificuldades, a pequena conseguiu desenvolver a coordenação motora ampla e, com todo apoio e estímulos que recebe, consegue interagir com alguns colegas. Assim, ainda que não consiga falar, Aurora tem podido expressar seus sentimentos e desejos por meio de gestos e de comportamentos muito significativos.



Alisson

Daniela Bianchessi



Numa sexta-feira pela manhã, quando os alunos do 2º ano da Escola Frederico Lussoli seguiam as atividades da aula normalmente, uma das crianças estava com dificuldades, e isso refletia no andamento da turma.

A turma do 2º ano era composta por 25 estudantes, a professora regente e uma professora auxiliar para o atendimento especial a um dos estudantes que tinha o laudo de Transtorno do Espectro Autista (TEA), em nível moderado. A professora regente era bastante autoritária e rígida com os estudos, e essa sua postura fazia com que os resultados avaliativos daquela turma fossem muito bons.

TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento provocado por alterações neurológicas que afetam o sistema nervoso central. Pode ser causado por alterações no desenvolvimento no período intrauterino ou pela genética. O TEA também pode estar associado a outras síndromes e transtornos de desenvolvimento (MACHADO, 2019).

Nesse dia, o estudante Alisson estava “desregulado”, pois havia tido uma quebra na rotina das aulas. A grade de horários da turma havia sido alterada por conta da ausência do professor de Educação Física. Por esse motivo, a turma estava em sala estudando Matemática, em vez de estarem na aula de Educação Física. A professora havia proposto uma atividade utilizando panfletos de supermercado, no qual os alunos deveriam escolher produtos (como se estivessem comprando) e realizar a soma dos valores desses produtos. Após a correção da adição, a professora simulava um valor de pagamento para que fizessem a subtração e calculassem o troco. Alguns estudantes estavam com dificuldades



em realizar a atividade, principalmente em relação à vírgula que envolvia os cálculos, e esse também era o problema de Alisson, além de toda a bagunça na rotina.

Segundo Barbosa (2006, p. 43 a 44), “a rotina pedagógica é um elemento estruturante da organização da escola e da normalização das crianças e dos adultos”, por isso é fundamental. Para a criança com TEA, a rotina é ainda mais importante, pois lhe garante uma organização interna, dando-lhe segurança e proteção. Por isso, “[...] quando algo sai da rotina, é como se ela perdesse o controle da situação, sentindo-se insegura, podendo acarretar até mesmo uma crise” (CANCELLE, 2019, p. 26).

Em determinado momento, Alisson não quis mais realizar a atividade, alegando que estava se distraindo com facilidade ao ver os produtos no panfleto e que gostaria de estar na aula de Educação Física, pois ele gostava muito de esportes. A professora auxiliar, Carla, pediu para que ele continuasse a atividade, para acompanhar seus colegas. Carla o alertava que ele estava um pouco atrasado em relação ao conteúdo da turma. No entanto ele insistiu que não estava conseguindo se concentrar e que estava cansado. Além disso, já estava quase no fim da aula. Dizendo isso, ele começou a brincar com um carrinho que trazia sempre em seu penal.

Às vezes, as crianças com TEA realmente precisam mudar o foco de atenção, para sua própria autorregulação. Quando houve a mudança na rotina de Alisson, toda a organização e funcionamento cerebral se rompeu, necessitando de um momento para rever os pensamentos, comportamentos e sentimentos dele naquele momento.

A autorregulação pode acontecer de diversas formas e é muito particular de cada autista. (BRITES, 2018, p.1).



No caso de Alisson, a autorregulação estava associada ao movimento regular das rodas do carrinho.

Ao perceber a situação, a professora regente tentou conversar com ele, dizendo que não era momento para brincar, mas para realizar a atividade. De início, Alisson não deu ouvidos para as professoras, e então a professora regente levantou a voz, exigindo que ele terminasse no mínimo uma parte da atividade proposta. Nesse momento, o estudante ficou furioso, gritou que não estava em condições e empurrou sua carteira, levando-a ao chão e deixando todos os seus materiais espalhados. O barulho da carteira caindo assustou os outros estudantes. Gritos se seguiram entre Alisson e a professora regente. Alisson havia entrado em crise. Para amenizar a situação, a professora auxiliar retirou-o da sala para que pudesse se acalmar. Enquanto isso a professora regente seguiu com a aula normalmente.

É muito comum, em situações como essa, que as crianças com TEA entrem em crise. É importante lembrar que as crises não são intencionais, são resultados da desorganização do autista e pode ser causada por diversos fatores. É interessante afastar a criança do que a está incomodando, dando-lhe espaço e tempo para se autorregular. O importante, nesse momento, é acalmar a criança e respeitar o seu momento, ajudando-a a se sentir segura novamente.

Depois de alguns minutos, Carla apareceu na sala e pediu para que a professora regente lhe acompanhasse. Fora da sala, as duas conversaram com Alisson, dizendo-lhe que havia assustado as outras crianças da turma com o seu comportamento explosivo, que apesar da mudança da rotina e do estresse gerado, ele não tinha o direito de reagir de tal forma. Mais calmo, ele retornou para a sala, pediu desculpas para a turma e assegurou que tentaria não repetir seus erros. Pegou seus materiais e como faltavam apenas



alguns minutos para o fim da aula, prometeu que traria a atividade finalizada para a professora na próxima aula.

É importante conversar com criança com TEA, para perceber suas necessidades e entendê-lo e, assim, evitar a chegada de uma crise; pois dar-lhe voz e “estabelecer uma comunicação com o autista é fundamental para compreendê-lo, entender seus desejos, ideias e necessidades básicas.” (MACHADO, 2019, p. 103).

Bruno

Laura Mastrandreas



Bruno tinha 21 anos e vivia numa cidade do interior. Mesmo sua cidade sendo pequena, ele adorava sair nos finais de semana para se divertir com seus amigos e dirigir o carro que ganhou de seus pais quando completou 18 anos.

Como todo jovem de sua idade, ele trabalhava e estava se preparando para iniciar a faculdade. Havia um futuro a sua frente. Porém, um dia enquanto trabalhava, começou a sentir uma certa dificuldade para movimentar a mão esquerda. Ele estranhou, mas não deu importância. Noutro dia, sentiu uma fraqueza no braço esquerdo. A sensação de fraqueza era tanta que acabava até derrubando objetos. Foi então que ele resolveu procurar um médico.

Na época, ele fez alguns exames e precisou ficar internado por alguns dias. Quando terminaram os exames, veio o diagnóstico: Bruno tinha uma doença chamada Esclerose Lateral Amiotrófica (E.L.A).

E.L.A é uma doença neurológica, considerada rara, que causa paralisia progressiva em praticamente todos os músculos esqueléticos, gerando a falência dos neurônios responsáveis pelos músculos do corpo. Com o passar do tempo, todos os músculos são atingidos e enfraquecem; comprometendo a motricidade,



a fala, a deglutição e até mesmo a respiração. É uma doença degenerativa e de natureza fatal. (PONTES *et al.*, 2010, p.70).

Segundo Pontes *et al* (2010, p.70), a fraqueza muscular é o primeiro sinal da doença, atingindo em média 60% dos pacientes. A realização de atividades diárias básicas, como se vestir, levantar-se, andar, entre outras é prejudicada por ser as mãos e os pés os primeiros pontos afetados pela doença.

Bruno e sua família tiveram muitas dúvidas em relação ao seu diagnóstico, pois é uma doença que atinge geralmente pessoas com idade acima de 40 anos, além de poder ter um fator hereditário; e nenhum dos casos se aplicava a Bruno. Diante da dúvida, eles buscaram por mais ajuda. E, dessa forma, Bruno foi a outros neurologistas, mas todos davam o mesmo diagnóstico. O caso era de extrema raridade.

Com o avanço da doença, Bruno parou de trabalhar e começou a ficar mais tempo com sua mãe e seu pai. Apesar de todos seus parentes estarem perto para dar apoio, sua mãe sempre foi quem mais o apoiou. Ela que cuidou dele desde o princípio. Precisar de cuidados era algo que deixava Bruno angustiado, porém o que mais o deixava triste era o fato de não poder mais dirigir, pois a doença avançava cada dia mais.

Apesar de não haver cura para a E.L.A, estudos apontam que existem tratamentos que podem retardar o avanço da doença (como fisioterapia e uso de órteses) além de medicamentos específicos. (MINHA VIDA, 2020, p.1).

Sabendo disso, Bruno sempre fez os tratamentos que estavam ao seu alcance, tomou por um ano um remédio vindo do Japão, que estabilizava a doença, mas era também um remédio muito caro. A dose para 6 meses custava em torno de vinte mil reais¹.

¹ Em valores dos anos referidos no texto



O tratamento mais acessível é a fisioterapia multidisciplinar, que abrange várias atividades que o ajudam a melhorar a coordenação, a respiração e a fala.

Bruno conta que, em 2013, chegou em casa e foi tomar banho, mas não conseguiu tirar a camiseta sozinho e precisou pedir ajuda para que sua mãe o despisse.

E em 2014, no ano seguinte, ele já apresentava dificuldades para caminhar, e a voz já estava alterada. Em 2015, ele sofreu o primeiro tombo, causado pela doença, teve um engasgo. Foi a partir de então que ele percebeu que precisaria ter cuidado até para se alimentar.

Foi ainda em 2015 que Bruno consultou um médico em São Paulo que lhe disse que talvez ele não estivesse com E.L.A, indicando-lhe um tratamento, cujo resultado foi positivo. No entanto, o medicamento era muito caro e Bruno não conseguiu dar continuidade ao tratamento. Essa situação levantou ainda mais dúvidas sobre seu caso.

Em 2017, Bruno começou a usar cadeira de rodas, pois já não conseguia mais andar apenas com um apoio. A doença também afetou seu sistema respiratório, assim, ele precisou iniciar a utilização de aparelho de oxigenação para dormir.

No ano de 2019, Bruno entrou na justiça para conseguir a realização de um exame genético pelo INSS. Esse exame é extremamente caro, e a família de Bruno não tinha condições financeiras para arcar com essas despesas. Tratava-se de um exame importante, pois poderia confirmar qual doença de fato Bruno tinha, além de mostrar quais órgão e funções a doença afetou e qual o nível de disfunção. Esses dados obtidos pelo exame, seriam importantes para que um fisioterapeuta especializado pudesse desenvolver um tratamento mais específico, obtendo



melhores resultados. Mas infelizmente, o processo de Bruno não foi aprovado, e ele continua fazendo o tratamento fisioterapêutico básico, indicado para as disfuncionalidades que apresenta.

Atualmente, Bruno conta que teve o tratamento prejudicado por conta da pandemia covídica que paralisou o mundo todo, mas essa realidade não lhe é exclusiva. Em todo mundo, e em muitas áreas, houve prejuízos (além das mortes). Porém, apesar de tudo e de estar numa cadeira de rodas, Bruno diz que nada o impede de ser feliz.

Tia Tereza

Luana Müller



A primeira vez que meu namorado me falou sobre ela, ele não se sentiu muito confortável. Ele me contou que tia Tereza ficava em sua casa durante um mês a cada três meses. Eu estranhei, mas ele me explicou que sua mãe dividia o cuidado com outras duas irmãs, que também a hospedavam e cuidavam da Tereza durante um mês. Assim, a cada três meses, ela ficava em sua casa. Segundo meu namorado ela era diabética e precisava de cuidados.

Quando a conheci, fiquei um pouco sem entender, por que meu namorado nunca me havia contado que ela tinha deficiência. Pois pelo pouco que estudei no curso de Pedagogia, percebi logo que ela tinha características de alguém com deficiência. Porém só depois de conhecer melhor a família e a tia Tereza, eu tive coragem de tocar no assunto e perguntar sobre ela. Os familiares comentaram o mesmo que meu namorado, ou seja, que ela era diabética e precisava de cuidados. Comentei, então, que achava que ela não poderia ser somente diabética, pois ela tinha características físicas muito semelhantes a uma pessoa com Síndrome de Down, e seu intelecto era inferior à sua idade cronológica. Não insisti no



assunto, pois era uma questão delicada e eu não tinha formação para avaliar. Eram apenas suspeitas.

Ela apresenta características físicas como os olhos amendoados, cabelo liso e bem fino, nariz pequeno e achatado, dentes pequenos e em menor quantidade, pescoço pequeno e com acúmulo de gordura e a cabeça achatada na parte de trás. Também tinha baixa visão, baixa audição, diabetes, e problemas respiratórios característicos da Síndrome de Down. (BRUNA, 2020, p.1).

Depois de meu questionamento, no entanto, a família decidiu olhar os laudos médicos da tia Tereza e confirmaram que ela tinha mesmo Síndrome de Down. Descobrimos até que esse era o motivo da aposentadoria que ela recebia. Achei muito estranho a família nunca ter conversado sobre isso. Talvez eles nunca tivessem escutado ou lido sobre a síndrome antes. Ou seus pais, os avós de meu namorado, nunca tivessem explicado para as irmãs qual era o problema da Tereza.

Tia Tereza vivia com os pais, que eram agricultores, na zona rural de Brusque. Sua casa ficava longe de tudo, em meio ao espaço verde, onde Tereza cresceu sem se dar conta de sua diferença. Ela tinha liberdade. Mas, com a morte de seus pais, ela precisou contar com a ajuda das três irmãs. Dessa forma, foi organizado o rodízio para não sobrecarregar uma só das irmãs. Tereza, contudo, não gosta; ela sente falta da liberdade que tinha na casa dos pais, sente falta de ter um lugar que possa dizer que é seu.

Talvez por não saberem da possibilidade, ou por conta da distância da casa onde morava, tia Tereza nunca frequentou a APAE, ou teve qualquer outra instrução. Por esse motivo, ela sabe somente assinar seu nome. Ela lembra que foi à escola quando era pequena, mas não por muito tempo, pois seus pais viram que



ela não acompanhava os colegas de sala e decidiram que ela não “tinha sido feita para estudar”. Então, tiraram-na da aula. Mas tia Tereza é muito curiosa, e atualmente ela escreve e lê algumas palavras simples por causa do auxílio de seus sobrinhos que a ensinaram, como meu namorado, que a adora e auxilia em tudo o que ela precisa.

Hoje tia Tereza tem 60 anos. Ter a Síndrome de Down faz com que ela tenha muitas dificuldades, mas isso não significa que ela tenha medo de tentar. Muito pelo contrário, ela é curiosa e quer aprender tudo. Ela é uma pessoa muito doce que adora livros para colorir e X-salada.

Ver a estima que a família tem por ela, e a paixão de meu namorado por sua tia Tereza, me contagiaram. E eu a amo também!

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORTAS, M. J. **Educação e Imigração**: A Integração dos Alunos Imigrantes nas Escolas do Ensino Básico do Centro Histórico de Lisboa. Observatório da Imigração, ACIDI, I.P., 2013.

STAINBACK, S; *et al.* **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVACO, N. **Minha criança é diferente?** Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

VARELLA, Drauzio. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/> Acesso em 28 out 2020.



ABREU, Mafalda. **Canabidiol: o que é, para que serve e efeitos colaterais**. Portal: Tua Saúde. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/canabidiol/> Acesso em: 11 out. 2020.

MOVE MAIS. **Cuevas Medek Exercise**. Disponível em <https://movemaisdourados.com.br/cuevas-medek-exercise/> Acesso em: 12 de out. 2020.

RABELLO, Flávia.V. **Fonoterapia Infantil**. Disponível em: <http://www.clifaceotorrino.com.br/fonoterapia-infantil/> Acesso em: 12 de out. 2020.

VOLL Pilates Group. **Entenda tudo sobre a musicoterapia**. Publicação em 11 jul 2017. Disponível em: <https://blogfisioterapia.com.br/o-que-e-musicoterapia/> Acesso em: 12 de out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

SCHWARTZMAN, J. C. **Transtorno do espectro do autismo: conceitos e generalidades**. In: SCHWARTZMAN, J.C.; ARAÚJO, A.C. Transtornos do espectro do autismo. São Paulo: Memnon, 2011.

VIEIRA, S. **O que é PECs?** Revista Autismo, n. 2. Disponível em: < <https://www.revistaautismo.com.br/> >. Acesso em: 23 de setembro de 2020.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Armed, 2006.

CANCELLA, Cláudia A. C. **A importância da rotina para o autista no contexto escolar**. Trabalho de conclusão de curso



(Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica), Belo Horizonte: UFMG, 2019.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

BRITES, Clay. **O que é autorregulação no TEA?** Publicação em 22/11/2018. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/o-que-e-autorregulacao-no-tea/> Acesso em: 21 set. 2020.

MACHADO, Gabriela Duarte Silva. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. **Revista Gepesvida**, v. 5, n. 10, 2019.

MINHA VIDA, Redação. Esclerose lateral amiotrófica: sintomas, tratamentos e causas. Webpage. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/esclerose-lateral-amiotrofica> Acesso em: 13 nov. 2020.

PONTES, Rosemary T. et al. Alterações da fonação e deglutição na Esclerose Lateral Amiotrófica: revisão de literatura. *Revista Neurociências*, v. 18, n. 1, p. 69- 73, 2010. Disponível em: <http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2010/RN1801/251%20revisao.pdf> Acesso em: 13 nov. 2020.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Síndrome de Down**. Portal Dráuzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-down/> Acesso em 13 nov 2020.





CAPÍTULO

MITOS

3

Augusto

Gabrieli Fagundes

“Marcelo, por que ela não vem mais aqui?”

Meses se passaram e essa frase ainda sai de sua boca.

Queria poder explicar para ele os reais motivos,

Mas como fazer isso, com argumentos tão negativos?

Preservo seu amor e inocência.

Escolho a resposta mais fácil:

“Ela decidiu ir embora”.

E finalizo esta conversa, por hora.

Augusto é especial,

Não apenas pelo autismo e epilepsia,

Mas no sentido mais amplo da palavra

E por todo seu amor em potencial!

Quando começamos o relacionamento,

Fernanda já sabia...

Sabia da condição de meu irmão

E que por ele, eu tudo faria.

No começo, foi fácil.

Augusto a amava. E sinceramente,

Ele ainda a ama.



Levando em conta, sua pergunta tão frequente.

Fernanda mostrava-se compreensível.

Me recebeu e recebeu Augusto.

Era completamente sensível.

Bom, ao menos fora o que pareceu.

Augusto é minha vida.

E sua vida, depende de mim.

Com o passar do tempo,

Nos dias em que precisei lhe dar mais atenção

Para Fernanda, pareciam o fim.

Depois de dois anos, Fernanda quis conversar:

“Uma vida com Augusto não entra em meus planos.

Precisamos terminar.”

Fernanda alegou ser jovem, cheia de vida.

Ao ficar comigo e de quebra com Augusto,

Não poderia viver o necessário.

E, além do mais, podia ser hereditário!

Fernanda sonhava em ser mãe,

E além de Augusto, minha família tem mais pessoas especiais.

Então ela disse que não imaginava um futuro comigo

E com problemas tão substanciais.

Realmente, ela decidiu ir embora.

Augusto ainda a espera,

Às vezes fica na janela...

Pois nele, o amor impera.

Aquelas palavras ainda estão na minha cabeça,

Multiplicam-se como se tivessem a ajuda de uma impressora.

E eu, tenho receio do futuro,

Pois atualmente, Fernanda é professora.



O Transtorno do Espectro de Autismo (TEA), segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social: socialização, comunicação verbal e não verbal, padrões restritos de comportamento (como movimentos repetitivos, interesses fixos) e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. Todas as pessoas com autismo, partilham essas dificuldades, porém cada uma delas é afetada em intensidades diferentes. Não há apenas um tipo de autismo, há subtipos do transtorno muito variados que abrangem vários níveis de comprometimento: desde pessoas com outras doenças e condições associadas (comorbidades), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, com vida “comum”; visto que, algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram um diagnóstico. Assim, é preciso reconhecer que por mais parecidos que sejam, cada situação é singular, e nenhum autista é igual ao outro. (PAIVA, 2020). É importante destacar que as características da pessoa com autismo não podem ser motivos de desistência nos aspectos pessoal, educacional e profissional. Conviver com o autismo, é um desafio. Os primeiros passos a serem tomados são conhecer, acompanhar e buscar cada vez mais por melhores condições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do autista. O TEA não se concentra nas dificuldades, mas na ampliação de novos olhares, novas possibilidades de conhecimento, na compreensão do sujeito, enquanto ser social, buscando perspectivas de evolução. (SANTOS; e VIEIRA, 2017).

João e Joaquim

Thaynara Thais Wippel



A vaga de monitora II, em uma unidade escolar de Brusque, para acompanhar dois alunos com deficiência, parecia perfeito para uma estudante de Pedagogia que idealizava o trabalho na



escola, como um sonho de criança; mas ainda tinha dúvidas se era o que gostaria de fazer na vida. O desafio, contudo, foi aceito e, assim João e Joaquim passaram a fazer parte de seu cotidiano.

Os dois alunos, João e Joaquim frequentam a mesma unidade escolar, na época matriculados no 1º ano do ensino fundamental, tendo a mesma professora regente e monitora, mas em períodos diferentes; João no período matutino, Joaquim no período vespertino. Ambos têm laudo de autismo; João tem o nível leve, e Joaquim, médio. Os alunos não tinham qualquer parentesco, mas se conheciam por frequentarem a mesma unidade escolar desde a creche, educação infantil, e depois no ensino fundamental, quando ficaram em salas e turnos diferentes.

Os alunos além de apresentar o mesmo diagnóstico de autismo, também tinham em comum a separação dos pais. O João é filho único e, depois da separação, não teve mais contato com o pai. De modo que ele mora com a mãe e seus avós maternos. Diferente de Joaquim, que não é filho único, e tem duas irmãs, uma mais velha, que é neurotípica, e a outra mais nova, que também é autista, porém de nível leve. Seus pais são separados e têm guarda compartilhada, dividindo, assim, as responsabilidades na criação dos filhos. Ele mora com a mãe e suas duas irmãs, seu tio e sua avó materna.

Os dois alunos não moram perto da escola. Eles sempre são acompanhados por responsáveis na ida à escola: João vem com sua avó e Joaquim com sua mãe e irmãs.

João frequentava uma vez por semana o atendimento especializado na sala de AEE da escola, mas por dar conta das atividades em sala de aula, foi avaliado junto com os responsáveis, que conversaram e tomaram a decisão de suspender o atendimento do aluno. Joaquim também frequentava uma vez por semana o atendimento especializado; e, por ter necessidade



desse acompanhamento, continua frequentando normalmente até o fim do ano letivo. Esses atendimentos são feitos no contraturno.

João conseguia realizar as atividades propostas pelos professores com autonomia, mas quando era contrariado ou se houvesse muita agitação na turma, ele tinha crises. Quando estava em crise; João gritava, batia na mesa, chorava. Ele apresentava uma característica muito presente em crianças que têm o transtorno do espectro autista, segundo Ribas, 2018, que é andar nas pontas dos pés; mas isso não o impedia de participar das aulas de educação física.

Um episódio diferente que aconteceu com João, foi quando no primeiro dia de aula, ele entrou na sala e chorou, porque não havia mais lugares para se sentar nas carteiras da frente. Nesse momento, com paciência, a monitora que o acompanha conversou e conseguiu convencê-lo a se sentar no fundo da sala ao lado dela. Mesmo sabendo que a Lei 10.048/2000 garante em seu artigo 1º o atendimento prioritário às pessoas com deficiência (BRASIL, 2000). O aluno sentou-se nas últimas carteiras da sala, mas a família, a coordenação da escola e outros profissionais estavam cientes dessa circunstância e todos concordaram, pois o aluno é alto e queria que a monitora sentasse ao seu lado. Mesmo sentando nas laterais da sala, João iria atrapalhar os demais alunos que estavam atrás dele. Ao longo do ano, pela saída de alguns alunos, surgiu uma vaga mais à frente da sala e João pediu para as professoras e foi se sentar mais à frente. Mas não durou muito, pois logo ele pediu para voltar a sentar no seu antigo lugar, pois sentia falta da monitora, que também atendia seu amigo Joaquim. A relação entre eles era muito boa e melhorava a cada dia. Às vezes, João tinha crises de choro e desabafava que sentia a falta do pai. Essas crises pioraram quando sua mãe terminou o namoro com um sujeito de quem



João gostava muito e que havia se tornado uma figura paterna para João.

De modo geral, o relacionamento de João com os professores, com a monitora e com os colegas de classe era muito bom. Ele era atencioso e prestativo com os colegas e professores, e gostava de falar sobre os assuntos para os quais tinha foco de interesse maior, como os dinossauros e a pré-história.

Joaquim, que tinha laudo de autismo médio, necessitava mais do auxílio da monitora nas atividades propostas pelos professores. Ele tinha muita dificuldade em realizar as atividades de educação física, mas não se negava a fazer. Ele fazia todas as atividades, mas do jeito dele. Os traços característicos do Transtorno do Espectro Autista, que Joaquim apresentava, eram o de andar nas pontas dos pés em algumas situações, ter as mãos sempre em movimento e apresentar problemas na fala. (RIBAS, 2018, p.1).

A relação entre Joaquim e os colegas e as professoras era muito boa, pois a turma já o acompanhava desde a educação infantil, de modo que estar com os colegas fazia parte da rotina do menino. Ele sabia o nome de todos e, às vezes, observava-lhes a ausência. Ele sempre perguntava por seu amigo João, que agora estudava em outro turno.

O aluno obedecia às professoras, mas quando era contrariado ou se cansava da atividade, Joaquim falava “Para professora!”. Outras vezes ele ficava violento e avançava nas professoras com tapas, quando contrariado. Era preciso estar sempre atento às reações do garoto. Esses episódios de bater nas pessoas era apresentado em casa também, a mãe já havia mostrado arranhões no braço feitos pelo próprio filho. Ela tinha muitas dificuldades em casa, pois apesar da parceria com o pai das crianças, ela tinha a filha mais nova também com TEA. Isso exigia-lhe muito.



Joaquim, raramente ia para a casa do pai, pois ele não gostava de mudar de ambiente e se sentia mais tranquilo em seu quarto na casa da mãe. As irmãs, por vezes, passavam um tempo na casa do pai. Elas eram muito próximas, pois dividiam o mesmo quarto e a menor, embora também fosse autista, tinha um nível leve e a presença da irmã mais velha a tranquilizava.

A escola fez uma intervenção significativa em relação à agressividade de Joaquim. A mãe de Joaquim foi chamada para uma conversa com a professora do atendimento especial e pôde tirar muitas dúvidas sobre o filho, além de receber algumas orientações. A escola abriu um canal de diálogo com a mãe, que se sentiu amparada nos cuidados com o filho. Como resposta ao trabalho conjunto entre casa e escola, Joaquim ficou mais tranquilo e melhorou seu comportamento. Apesar dessa mudança, Joaquim raramente socializava com os colegas, preferia brincar sozinho com seus brinquedos.

João e Joaquim foram um desafio para a monitora que os acompanhou durante todo ano letivo. Foi uma experiência marcante por ser dois casos de TEA tão diferentes: um com autonomia em suas atividades, que necessitava apenas de um apoio emocional; e outro que precisa de auxílio e de acompanhamento constante. João foi alfabetizado no decorrer no ano letivo acompanhando a turma; mas Joaquim apenas identificava as letras do alfabeto e os números, sabia os sons de algumas letras, e precisava de muito exercício e treinamento para desenvolver a psicomotricidade fina.

Ao final do ano letivo, a monitora que os acompanhou avaliou que essa experiência contribuiu significativamente para sua formação. Ela, como muitos, sabia que havia variações de níveis de autismo, e acreditava que existisse uma espécie de “cartilha” na qual pudesse encontrar resposta para todas as questões que se lhe aparecessem no contato com esses alunos. Entretanto,



logo percebeu que isso era um mito; que cada caso de TEA é um caso diferente e único. Dessa forma, precisou estudar muito, e pôde contar sempre com o apoio da professora regente, da equipe pedagógica da instituição e da professora da sala do AEE. Aprendeu, assim, a trabalhar verdadeiramente em equipe e percebeu a importância do trabalho que desenvolveu, orgulhando-se de todas as conquistas e de sua evolução profissional. Agora sabia o que queria fazer para o resto de sua vida: queria ser professora!

Vendo o Mundo com Outro Olhar

Danielly Furtado



Ele era uma pessoa normal. Vindo do campo para a cidade aos 22 anos, Sandro trabalhava numa tinturaria, jogava futebol com os amigos todos os dias e, aos finais de semana, voltava para o campo para ver seus pais. Em outubro de 2003, um acontecimento mudou radicalmente a vida de Sandro.

Numa sexta-feira, no trabalho, quando foi pesar uma caneca de produto químico, houve uma reação inesperada, o produto explodiu e atingiu o rosto de Sandro. Na hora, ele não sabia por que aquilo havia acontecido, depois soube que sem querer ele tinha misturado dois produtos que não poderiam ter sido misturados. Por isso aconteceu a explosão. A explosão atingiu principalmente os olhos de Sandro. Disseram-lhe que o produto havia queimado as córneas, por isso ele estava totalmente cego.

A cegueira é um acidente de trabalho mais comum do que se pensa. Segundo o IOB (2020, p.1), 12% dos acidentes causam problemas irreversíveis, comprometendo os olhos. A cada 100 acidentes de trabalho, 90 poderiam ser evitados, se estivessem usando os equipamentos de acordo com as normas de segurança. Os acidentes oculares de trabalho com maior frequência



acontecem em metalúrgica, mineração, construção civil, mecânica, marcenaria, cerâmica, indústria química e alimentícia, indústria têxtil.

No começo, Sandro não aceitou. Ficou revoltado e até entrou em depressão. Mas depois reagiu e começou a fazer tratamentos para poder voltar a ver o mundo, buscando sempre ter uma vida normal como antes.

Ele entrou em contato com outros cegos e começou a praticar futebol adaptado, o futebol de cinco; também aprendeu a tocar violão e a jogar xadrez, que foi um dos esportes que ele mais gostou. Aprendeu a andar de bengala para poder se locomover sozinho e voltar a ter uma vida socialmente ativa. Afinal, quando você perde a visão, não tem mais a mesma mobilidade que antes. Para alguém que já enxergava, essa é uma das piores fases. Nesse estágio de readaptação, Sandro contou com o apoio da ADVB (Associação de Deficientes Visuais de Brusque).

Se por um lado Sandro estava se adaptando ao novo mundo, por outro ele continuava buscando recursos com a esperança de um dia voltar a ver o mundo como antes. Mas o caminho não era fácil, pois em 2005, Sandro ainda teve de enfrentar dois cânceres: um no testículo e outro na tireoide. Assim, o tratamento dos cânceres, fez com que adiasse sua busca pelos recursos que o levariam a ver novamente.

Somente em 2008, Sandro pôde continuar sua busca em São Paulo por um tratamento inovador que poderia ajudá-lo a recuperar a visão. E, assim, depois de um ano, ele soube que tinha uma cirurgia muito nova que poderia fazer com que ele voltasse a enxergar, mas o procedimento não era aprovado pelo Ministério da Saúde no Brasil.

Sandro soube desse tratamento por intermédio de seu médico, cujas filhas trabalhavam na UNIFESP (Universidade Federal de



São Paulo) em São Paulo, capital. O médico aconselhou-o a fazer a avaliação e se inscrever para o programa de restauração de córneas que UNIFESP estava desenvolvendo em parceria com a Universidade de Boston (EUA). Assim, Sandro entrou no programa e fez a cirurgia gratuitamente, pois ele foi “cobaia” da nesse experimento. Ele foi o nono paciente a fazer este procedimento no Brasil. Mas precisou ir a Boston para ser avaliado pelos médicos-pesquisadores de lá. Como o programa não cobria as despesas de viagem integralmente, o ex-patrão de Sandro o patrocinou. Na verdade, ele sempre esteve presente, ajudando e apoiando Sandro no que precisasse.

Por muito tempo, a medicina vem pesquisando a possibilidade de criar uma córnea artificial para não depender mais de um doador humano e anular a rejeição nesse tipo de transplante. Apesar dos incessantes estudos, a criação de uma córnea artificial que se adapte perfeitamente ao corpo humano sem quaisquer riscos ou complicações, ainda não foi possível. Mas hoje é possível substituir a córnea por lentes artificiais, que são as ceratopróteses, como aconteceu com Sandro. Essas próteses oculares podem ser feitas de material biocompatível para ter o menor risco de extrusão, ou também, de material sintético Polimetilmetacrilato (PMMA), e hidrogel. (KWITKO, 2012, p.1).

E assim, depois de passar cinco anos e quatro meses da sua vida sem ver absolutamente nada. No dia 16 de fevereiro de 2009, Sandro foi fazer a implantação de córnea artificial. Hoje já faz 11 anos e 8 meses que ele já enxerga normalmente do olho direito, já o olho esquerdo não teve como recuperar, pois, na hora da explosão a pancada e a queimadura foi bem maior, então como o olho direito não foi tão danificado, o olho esquerdo teve que ser desligado para não acontecer de o olho direito forçar o esquerdo e ficar somente um buraco vazio. Desde o dia da cirurgia até hoje, Sandro faz uma consulta de retorno a cada três meses, para fazer exames de rotina.



A Menina com um Olho Só

Beatriz Martins



Ana morava com uma tia, que era sua responsável legal; pois ela era órfã. Isso era algo que a oprimia. Ela se sentia muito diferente de seus colegas, principalmente em datas como dia dos pais e dia das mães. E se não bastasse isso, ainda tinha aquilo que Ana considerava um defeito; ela tinha os olhos de cores diferentes: um olho era esverdeado e outro azulado. Ela sofria *bullying* de dois de seus colegas de classe por conta disso. Todos os dias, eles apontavam para Ana e riam, e ela se encolhia; corria para um lugar onde pudesse ficar sozinha. Para tentar esconder seu defeito, Ana começou a usar um tampão em um dos olhos, como se estivesse machucado. E para evitar o *bullying*, Ana fechou a cara.

O *bullying* infelizmente é algo que acontece com frequência no nosso dia a dia, principalmente no ambiente escolar. E como envolve o uso da força, da violência; geralmente os meninos são classificados como agressores e como vítimas, com uma frequência maior do que as meninas. Mas entre as meninas ou intergênero o evento do *bullying* também é bastante comum. (LISBOA, 2005).

Ana não sabia que para as demais crianças, a imagem que havia construído a deixava um tanto sombria, e eles tinham medo dela. Por conta disso, ela não tinha amigos. Quando chegou à adolescência, perto dos seus 13 anos, começaram a acontecer coisas estranhas na escola. Coisas desapareciam, ou apareciam quebradas, riscadas; e tudo de errado que acontecia na sala de aula, as crianças atribuíam a culpa a Ana. Justamente porque ela era muito estranha com aquele seu visual sombrio. Ana sempre negava ter feito aquilo. E essas ocorrências começaram a aparecer em outros lugares da escola também. E assim, todos achavam que ela era a culpada.



O que ninguém sabia é que Ana nunca faria isso, que ela só queria ser aceita por seus colegas de classe, e que nunca lhes faria mal. No fim, Ana estava cansada de ser acusada por algo que não havia feito e decidiu descobrir sozinha quem estava fazendo aquilo. Assim, ela começou a investigar esses ocorridos.

Como ela era “invisível”, estava sempre só e quieta, não foi difícil ela perceber o movimento estranho de dois garotos e descobrir quem eram os verdadeiros culpados.

O problema é que ninguém acreditaria em Ana, pois eram alunos que ninguém sequer desconfiaria que faziam tudo aquilo. Esses alunos sempre deixavam as coisas de uma maneira para as pessoas acreditassem que haviam sido feitas por Ana.

Um dia Ana tomou coragem, conversou com a professora e pediu que ela ficasse em determinado lugar para ver quem era a pessoa que cometia aqueles pequenos vandalismos. Ana já havia percebido que eles faziam os estragos, próximo a lugares em que ela estava, e em momentos que estava sozinha de cabeça baixa. Nesses momentos, eles supunham que ela não os percebia. Assim, Ana ficou num lugar bem afastado; de costas para a porta da sala e a professora ficou também fora do alcance de visão e percebeu, com certo assombro, quem eram os culpados.

A professora chamou Ana diante da turma e a agradeceu por ter descoberto os verdadeiros culpados, e Ana falou que nunca faria mal a ninguém. Dessa forma, aos poucos, as crianças foram convidando Ana para brincar, conversar e ela se sentiu aceita por seus amigos. Quando ela se sentiu segura, acabou deixando de usar o tampão. Com o apoio da tia, das professoras e das amigas, Ana levantou a cabeça para a vida e se aceitou exatamente como ela é. E ela é linda!



Cris

Taiana Kletttemberg



Quando Cris foi adotada por meus tios, ela vivia no hospital havia sete meses, e ninguém queria adotá-la por conta dos sérios problemas que tinha. Em seu oitavo mês de vida, ela foi adotada, não só por aqueles que seriam seus pais, mas por toda a nossa família!

Minha tia já estava na fila de adoção havia muito, muito tempo! Mas estava demorando demais para ser chamada. Quando foi chamada para adotar a Cris, ela não pensou duas vezes, mesmo sabendo de todos os problemas. Meus tios nunca quiseram saber de onde ela veio, por que estava lá, ou quem eram os pais biológicos dela.

Quando foi adotada, Cris estava desnutrida, tinha infecção no intestino, e estava com várias fraturas. Apesar de já ter oito meses, pesava apenas 4 kg, não se sentava, suas perninhas ficavam paradas e encolhidas, de modo que sempre tinham de esticá-las e estimulá-las. Os médicos avisaram para não ter muitas esperanças, que ela não iria viver muito, pois estava muito debilitada.

Juntos, meus tios não mediram esforços e acreditaram no impossível, por isso a estimularam e fizeram de tudo para que ela se desenvolvesse cada vez mais! O tratamento dela envolvia, além dos estímulos familiares, o auxílio de psicólogos, fonoaudiólogos e neurologistas. Todos sempre muito empenhados em ajudar no desenvolvimento de Cris.

Em todos os seus aniversários, a família se reúne. Cris ama comemorar essa data, para ela, essa é a data mais feliz do ano! Gosta muito de receber presentes e o carinho de todos que estão



ao seu redor. Mas gosta principalmente de cuca, um bolo típico de nossa região.

Cris passou por diversos tratamentos, mas ao chegar à idade escolar não conseguia acompanhar as outras crianças na turma. Ela não compreendia os assuntos e tinha dificuldade na aprendizagem. Novos exames foram feitos: eletroencefalograma, raios-X, ressonância magnética, tomografia. Até que, por fim, Cris foi diagnosticado com deficiência intelectual moderada. Ela tinha um atraso mental. Com a idade cronológica de 10 anos, Cris apresentava idade intelectual de uma criança de quatro anos.

É chamada de deficiência intelectual (DI), segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o que antes era denominada como retardo mental, que diz respeito a uma capacidade muito reduzida que uma pessoa tem de entender informações novas ou complexas, ou de aprender e aplicar novas habilidades. (RONCATO, 2014, p.1).

Embora soubessem de todas as dificuldades de Cris, meus tios nunca desistiram. O sonho da mãe era que a filha conseguisse ler e escrever. E foi muita luta e acompanhamento constante de seu desempenho, com intervenção sempre que fosse necessário, até conseguir realizar esse sonho.

A adolescência de Cris foi tranquila, minha tia conta que ela nunca falou em namorado. Teve uma época em que ela falava muito de um menino que havia conhecido na APAE, e minha tia questionava se ela estava apaixonada, porém ela sempre dizia que ele era só um amigo. Ela nunca saiu sozinha, sempre sai com a família, ou nos passeios da APAE, acompanhada dos professores.

Hoje, Cris tem 37 anos, é saudável, conversa muito, fala super bem, consegue desenvolver trabalhos manuais, afazeres da casa, faz natação, dança. E, inclusive, é campeã e tem várias medalhas. Sempre participa do PARAJASC (Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina), e gosta de frequentar a APAE.



Ela é a alegria por onde passa! É a felicidade em pessoa, pois onde ela está, não há tristeza! Ela não é especial por sua deficiência, é especial pelo amor que carrega no seu coração.

TDAH?

Mirele Nunes de Simas



Quando eu entrei no Ensino Fundamental, as dificuldades para aprender algumas disciplinas apareceram. Tinha dificuldade principalmente na área da matemática. Em todo o meu percurso escolar, fui, de certa forma, jogada para o próximo ano para não reprovar. O tempo foi passando, e eu fui crescendo, sempre apresentando as mesmas dificuldades e muito agitada. Lembro-me de que minha madrinha uma vez suspeitou de que eu poderia ter TDAH, por causa de minha agitação. Mas talvez por ela não ter formação na área, a suspeita não foi investigada como deveria ter sido. Na sala de aula, as professoras de todas as escolas, por onde passei, nunca suspeitaram de qualquer problema. Elas comentavam que eu era preguiçosa, que não queria estudar. Isso me deixava triste, porque eu tentava estudar, mas não conseguia. Eu não conseguia me concentrar nem para ler gibi. Cheguei à vida adulta com todas essas dificuldades. Na faculdade, da mesma forma, fui sempre empurrando com barriga. Mas não por falta de interesse, ou por não querer estudar, mas por não ter concentração. E como eu não conseguia, ficava frustrada e perdia a vontade de continuar. Agora mesmo, escrevendo este texto, eu começo e paro, olho para a janela, para o meu colega de trabalho, uso o celular e depois volto a digitar. Não consigo focar a atenção e fazer algo até o fim. Assim é a minha vida, nada do que inicio, consigo terminar; ou quando faço, deixo pela metade. No ano passado, candidatei-me para ser Conselheira Tutelar. Seria um desafio para mim, além de ser algo que eu sabia que gostaria de fazer. Fui eleita conselheira. Estava animada



para exercer essa função, mas tive muitas barreiras. E uma delas era, novamente, não conseguir terminar o que eu começava; ou levar dias para fazer um relatório que nem seria tão difícil assim. Às vezes eu desmaiava, baixava a pressão. Outras vezes, eu tinha crise de ansiedade; ficava desesperada. Foi então que meus colegas de trabalho e meus superiores começam a questionar os meus problemas. Disseram-me que eu precisava descobrir o que eu tinha; e me orientaram a procurar um profissional. Assim, depois de uma crise que me fez parar no hospital, eu marquei uma consulta com a psiquiatra. Na consulta, ela me fez contar como era minha vida, falei de meus problemas, expliquei tudo o que eu sentia. Fiz alguns testes e o diagnóstico não foi outro: eu tinha TDAH. A médica explicou que como meu problema não foi tratado na infância, o grau desse transtorno piorou. Meus desmaios e as crises de ansiedade eram meu corpo pedindo ajuda. E a ajuda agora, seria a medicação que eu teria que tomar para o resto de minha vida. O remédio vai me ajudar a controlar as crises, e eu posso levar uma vida normal; mas preciso de acompanhamento psicológico.

Desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade são as características básicas do TDAH, principalmente quando aparecerem em frequência e intensidade maiores do que as observadas em crianças, de forma que comprometam o funcionamento em pelo menos dois contextos: na escola e em casa. A maior dificuldade dessas crianças é manter a atenção concentrada, ser persistente e estar sempre vigilante. Essas dificuldades ficam mais evidentes quando no contexto escolar, sobretudo na fase do Ensino Fundamental, quando as crianças precisam de concentração para aprender a ler, escrever, ouvir e prestar atenção nas explicações do professor. (DESIDÉRIO, e MIYAZAKI, 2007, p.1). Hoje, eu percebo claramente que essas características sempre estiveram presentes na minha vida escolar e depois dela, pois nunca tive concentração, sempre



agi por impulsos sem pensar nas consequências, e sempre fui muito agitada em tudo que eu faço. Eu sinto que já melhorei em alguns aspectos, tenho mais vontade de fazer as atividades; estou concluindo esta disciplina. Mas essa situação vivida por mim, acende um alerta: nós, como futuras professoras, devemos prestar mais atenção em nossos alunos, evitar fazer julgamentos precipitados se estiverem com dificuldades. Observar e levantar a hipótese de que pode ser algum problema, algum transtorno; pois, quanto mais cedo for diagnosticado, mais cedo se inicia o tratamento e melhor será.

REFERÊNCIAS:

PAIVA, Francisco. **O que é autismo?** Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Revista Autismo. 2020. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/> Acesso em: 13 nov. 2020.

SANTOS, Regina Kelly; VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA):** do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. **Revista Includere**. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413> Acesso em: 13 nov. 2020.

BRASIL. **Lei 10.481**, de novembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10048.htm Acesso em: 11 nov. 2020.

RIBAS, Ligia. Autismo: **Quais os sinais do Transtorno do Espectro Autista?** – Blog FoFuuu. Publicação em setembro de 2018. Disponível em: <https://fofuuu.com/blog/quais-os-sinais-do-autismo/> Acesso em: 18 out. 2020.

IOB, Instituto de olhos e otorrino de Bauru. **A falta de proteção no local de trabalho pode causar cegueira irreversível.**



Disponível em: <http://www.iobbauru.com.br/falta-de-protecao-no-local-de-trabalho-pode-causar-cegueira-irreversivel/>. Acesso em: 12 nov 2020.

KWITKO, Sérgio. **Ceratoprótese de Boston**. Rev. Bras. Oftalmol. vol.71 no.6 Rio de Janeiro, Nov./Dec. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72802012000600014. Acesso em: 12 nov. 2020.

LISBOA, Carolina. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, UFRGS: Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6875/000536824.pdf?sequence=1> Acesso em: 13 nov. 2020.

RONCATO, Rodrigo P. **O Papel da variação do número de cópias genômicas no fenótipo clínico de deficiência intelectual em uma coorte retrospectiva da rede pública de saúde do Estado de Goiás**. 2014. 118 f. Tese (Doutorado em Biologia) - Programa de Pós-graduação em Biologia (ICB) – UFG, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3093/5/merged.pdf> Acesso em: 13 nov. 2020.

DESIDÉRIO, Rosimeire; MIYAZAKI, Maria Cristina. **Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.11 no.1 Campinas Jan./June 2007 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100018. Acesso em 13 nov 2020.



BEATRIZ MARTINS



Eu nasci em São Paulo, na grande metrópole, mas aos 9 anos vim para Brusque. Eu sempre fui muito ‘chata’, queria saber o porquê das coisas. Desde criança, eu era autocrítica e tinha uma personalidade marcante. Talvez por conta dessas características, eu já tinha o grande sonho de fazer a diferença no mundo.

Comecei minha vida acadêmica cursando Direito, mas percebi que não seria por esse caminho que iria realizar meu sonho, por isso decidi fazer o curso de Pedagogia. No começo não me sentia à vontade no curso, mas aos poucos fui me encontrando e percebi que é por meio da Educação que começamos uma revolução! Então esse é o meu lugar.

CARLA CRISTINA SCHORK



Eu nasci em Guabiruba e, desde muito cedo, meus dias foram marcados por ler e escrever. Desde criança, eu já demonstrava interesse em aprender; nas aulas sempre me oferecia para ajudar seus colegas. Posso dizer que eu tinha o dom de ser professora; por isso, naturalmente, eu escolhi seguir essa profissão. Escolhi o curso de Pedagogia após ter percebido que gostava de aprender coisas novas, e que gostava de ajudar todos à minha volta.

Das escolas, de modo geral, eu espero que reconheçam e respeitem a diversidade, acolhendo e ajudando no desenvolvimento de cada um de acordo com as suas potencialidades e necessidades.



CAROLINI CREPPAS MINATTI



A escolha do curso de Pedagogia e da profissão de professora não foi uma tarefa difícil para mim. A ideia foi sendo construída pelo contato com exemplos de pessoas próximas a mim, além de algumas características próprias de minha personalidade. Esses fatores ajudaram-me a perceber que o meu futuro seria dentro da educação.

Eu acredito numa educação mais interpessoal, interativa, preocupada com o outro, disposta a aceitar as diferenças e as limitações alheias. Uma educação que invista mais na formação de profissionais para atender melhor a demanda social cada vez mais heterogênea.

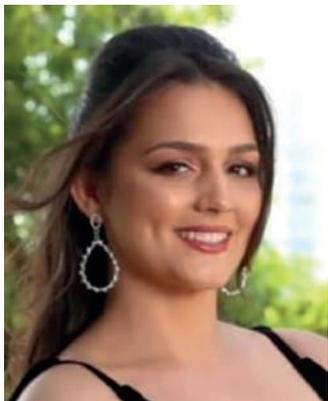
DANIELA BIANCHESSI



Desde menina, sempre pensei em ser professora. Já nos primeiros anos do Ensino Fundamental, gostava muito de auxiliar as professoras e os colegas com mais dificuldades. Eu ficava muito feliz quando os via aprendendo e se desenvolvendo. Recordo com muito carinho de professores que me inspiraram e incentivaram a caminhar nessa direção. Pretendo, um dia, ser o exemplo e inspiração de outras crianças dispostas a mudar o seu mundo por meio da educação.



DANIELLY FURTADO



Escolhi o curso de Pedagogia porque, desde pequena, inspirava-me em meus professores. Sempre quis fazer e ser a diferença no mundo, e acredito que os professores fazem isso.

O desafio é grande, mas espero encontrar o amor e o carinho que eu dava às minhas professoras e prometo jamais ficar conformada e estacionar no tempo, quero estar sempre em constante aprendizado para ser a cada dia uma professora melhor.

EMILY RODERMEL



Eu escolhi o curso de Pedagogia porque gosto muito de desafios. E ser professora, atuar como pedagogo, é ter a certeza de que cada dia será um novo desafio; cada aluno será nova história, um novo mistério. É ter a certeza de que eu possa mudar a vida e a história de alguém. Além de ter contato com as mais diversas realidades de vida, sempre vou ter empatia e tratar com muito amor e alegria todos ao meu redor, principalmente as crianças.



FABIANA LANG



Meu nome é Fabiana e eu sou de Brusque. Acredito que a educação seja a única arma, com a qual podemos transformar o mundo. Foi por isso eu decidi ser professora, pois acredito que posso por meio do amor e da aprendizagem, colaborar para o desenvolvimento de muitas crianças.

GABRIELI FAGUNDES



Eu nasci em Botuverá. Nesse pequeno município, desde cedo, vivi dias marcados por leitura, escrita e um bom rock brasileiro. Rodeada por esse meio reflexivo, sempre sonhei em fazer a diferença no mundo. Certo dia meu professor de História, que também compartilhava do mesmo gosto musical, falou sobre a banda “Engenheiros do Hawaii”. Eu me apaixonei e passei a ouvir as músicas desse grupo diariamente; e me deixei embalar pelo verso “por amor às causas perdidas”. Tirei dessa frase muito aprendizado e decidi ser professora; pois assim, poderia começar a fazer a diferença no mundo pela base, com mudança nas pequenas coisas, coisas tão pequenas, que infelizmente muitas vezes são esquecidas, como o respeito, a responsabilidade e a generosidade.



JOANA BERTOLDI



Eu nasci em Nova Trento e minha concentração se divide até hoje entre ler, escrever e beber grandes quantidades de cafeína (adoro café!). Meu sonho de ser professora começou na aula de Sociologia, no Ensino Médio, quando o professor escreveu no quadro a frase: “se você quer mudar o mundo comece pela educação”. Esse foi o estopim que incendiou um desejo que eu tinha sem me dar conta. Eu queria fazer a diferença no mundo. Eu havia descoberto meu caminho.

KIHARA RUHANNA ANTUNES



Escolhi o curso de Pedagogia por causa da paixão e da facilidade que tenho em me relacionar com crianças.

Como professora, eu espero que as escolas inclusivas sejam inclusivas de fato! Quero contribuir com uma educação inclusiva para que todos os alunos com deficiência tenham os seus direitos, estabelecidos por lei, devidamente implementados e respeitados; e que a educação ofertada a eles seja de qualidade e a fim de torná-los cidadãos participantes ativos na sociedade.



LAURA MASTRANDREAS



Quando eu era pequena, convivi com algumas tias minhas que eram professoras, e cresci tendo admiração pela profissão. Depois, quando eu estava terminando o ensino fundamental, eu decidi que seria professora, porém eu queria ser professora de Matemática, porque eu sempre fui muito bem nessa matéria. Mas, no final do ensino médio, percebi que eu não iria conseguir cursar Matemática como eu tanto queria, pois não tinha o curso em Brusque e ficaria inviável fazer o curso em outra cidade. A opção que eu tive foi a Pedagogia. No início foi difícil, parecia que eu não estava me encaixando, mas assim que comecei a atuar como auxiliar de sala, percebi que ser professora era o que eu queria. Estou muito feliz com a profissão que escolhi.

LUANA MÜLLER



Nasci e cresci em uma cidade pequena, chamada Botuverá; e desde pequena sempre fui apaixonada por essa profissão. Gostava muito de ir à escola e, ao chegar em casa, dar aulas para minhas bonecas e coleguinhas, que moravam próximas à minha casa. Em toda a brincadeira de escola eu era sempre a “petessora”, como minhas irmãs me contam que eu me autodenominava. Tive professores excelentes em minha trajetória escolar, que me fizeram ter ainda mais vontade de seguir essa profissão, e minha vontade de querer mudar algumas coisas quando estiver em sala.



Eu tenho a certeza de que escolhi a profissão certa. Sei que o sistema educacional não é perfeito e que temos um caminho muito grande a percorrer; como é o caso da educação inclusiva que muitas vezes não ocorre da forma que deveria, e alunos são deixados no fundo da sala sem a atenção necessária. Eu acredito na luta por uma sociedade inclusiva.

MIRELE NUNES DE SIMAS



Eu sou natural de São João Batista, tenho 24 anos. Quando iniciei minha vida acadêmica, havia escolhido o curso de Educação Física, mas logo comecei a trabalhar como monitora escolar numa escola particular e me apaixonei pela a área da educação. Do curso de Educação Física fiz apenas três meses, logo que foi possível, tranquei o curso. No semestre seguinte, entrei no curso de Pedagogia. Eu me realizo por poder contribuir na educação de uma criança; na escola não só ensinamos como também aprendemos muito com os nossos alunos. A educação inclusiva é uma ideia maravilhosa. Acredito que será a partir da escola inclusiva que vamos poder mostrar para a sociedade que somos todos iguais, apesar de nossas diferenças. Temos de saber respeitar cada uma das diferenças de cada um, aceitar que o nosso olhar não é o único para trabalharmos juntos.



RAQUEL MARIA CARDOSO PEDROSO



Foi quando, ainda adolescente, entrei numa sala de aula e me vi diante de um grupo de crianças (na época um grupo infantil da igreja) que senti que era isso que queria fazer na vida. Tenho paixão por pesquisar, aprender e ensinar. O mundo da educação não é glamuroso, não é fácil, tampouco valorizado como deviria; mas é fascinante, é desafiador e gratificante. Nós, professoras, fazemos a diferença na vida de muitos, com certeza.

Percebo o quanto a educação já evoluiu, legal e historicamente, no caminho da inclusão e acredito que só uma educação realmente inclusiva pode construir uma sociedade mais justa e tolerante.

TAIANA KLETTIMBERG



Resolvi fazer pedagogia pelo simples fato de que eu amo estar em contato com pessoas. Além disso, como professora, posso em algum momento ser uma ponte com a possibilidade de proporcionar dias melhores, formar pessoas melhores, auxiliar no crescimento integral de um ser humano. É uma grande responsabilidade; pois, com certeza, ao ensinar meus alunos a acreditarem em si, ajudá-los a perceber a importância de estudarem e lutarem por uma vida de direitos, para serem livres e felizes!

Eu espero que as escolas sejam de fato inclusivas! Sem discriminação, apontar de dedos e intolerância. Precisamos construir uma escola inclusiva de direitos, de liberdade, e de alunos que acreditem em si, no seu potencial, e tenham sucesso.



THAYNARA THAÍS WIPPEL



Ao concluir o Ensino Médio não tinha ideia da profissão que gostaria de exercer. Foi por meio de pesquisas e conversas com meus pais que resolvi cursar Pedagogia. Hoje tenho a certeza de que é isso que quero fazer. Identifiquei-me com o curso e, além disso, tenho exemplos de professoras em minha família (dindas, tias e primas).

Quando escolhemos uma profissão, é preciso saber o que nos faz felizes. As pessoas preciso compreender e entender que todos somos diferentes, fazemos escolhas diferentes; e que essa diferença não traz problemas. O problema é ser tratado de forma diferente e não ter apoio em suas escolhas. Pois todos possuem asas como os pássaros e, cada um voa do seu jeito, mas iguais ao direito de voar.



RELATOS: ATOS, FATOS E MITOS

Vivências Inclusivas

Este livro, com o título “Relatos: atos, fatos e mitos – vivências inclusivas”, traz dezoito relatos emocionantes produzidos pelas alunas do curso de Pedagogia da UNIFEBE, na disciplina de Educação Inclusiva. São relatos com base em vivências em histórias reais; muitas delas experienciadas pelas próprias autoras, outras por parentes, amigos da família, vizinhos, alunos... enfim, de pessoas de seu convívio social.

As narrativas que compõem os relatos estão apresentadas em verso e prosa, e em ambos os estilos, pode-se perceber a delicadeza e a entrega das autoras na construção de um texto que, apesar de simples, emociona e provoca a reflexão sobre a temática da inclusão.

